O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANNO XXXV

ASSIGNATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANNO 4$600 reis; SEMESTRE: 2$350; TRIMESTRE 1$200; AVULSO 50 reis. COM ESTAMPILHA: anno 5$140; SEMESTRE 2$650; TRIMESTRE 1$350; AVULSO 55. As assignaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS

Sabbado 19 de junho de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Annuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assigna-se unicamente em Aveiro. As assignaturas são pagas adiantadas. Os manuscriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:499

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rue S.te Anne, 51.bis

SUMMARIO:—A VERDADE HISTORICA. —A PROPOSITO DA DICTADURA.—RECTIFICAÇÕES HISTORICAS. — NOTICIAS LOCAES.—NOTICIAS DIVERSAS.— NOVAS DE LONGE.—A MULHER NA ANTIGA GRECIA, *por Marques Gomes.*—FOLHETIM, O ANJO DE ADELINA, *por C. Guimarães,*—A EXPULSÃO DOS PRINCIPES.—O FIM DE UMA RAÇA, *por René Maizeroy.* — SCIENCIAS. — ARABESCOS E MINIATURAS. — BIBLIOGRAPHIA. — PARTE OFFICIA—CARTA DE LISBOA.— TELEGRAPHIA.

Aveiro

A VERDADE HISTORICA

Quando transcrevemos do *Correio da Noite* o pseudo-decreto para a expulsão do nosso territorio do directorio republicano, fizemol-o conscientemente, isto é, sabendo já que era uma *blague*, embora parecesse justa a aplicação da doctrina, como se fosse pena de talião. Com os fundamentos com que a republica pretende pôr fóra da França os principes, considerando-os pretendentes, pode a monarchia enxotar para o exilio os que abertamente conspiram contra ella. Se lá se invoca a razão d'estado para desafrontar o governo da concorrencia de quem nem propaganda faz contra as intituições vigentes, aqui mais razão haveria para o fazer, embora a isso se opozesse a nossa educação constitucional, e tal procedimento fosse contrario aos nossos uzos e costumes.

Para nós a tolerancia é superior a todas as revendictas politicas. Não comprehendemos a necessidade de medidas de excepção. Dentro da legalidade existente ha meios de castigar os que erram, sem ser preciso recorrer a providencias extraordinarias, que importam uma infracção da regra estabelecida. Os que conspirarem contra as instituições teem segundo a nossa legislação processo especial, correspondendo a pena ao delicto. Não ha por tanto urgencia que force o executivo a providenciar extraordinariamente, assumindo a responsabilidade de actos violentos, que nenhuma circumstancia poderia justificar.

E foi fundado n'estes motivos, que nós démos por apocrifico o tal decreto, não obstante o considerarmos como parodia chistosa ao acto insustentavel da republica franceza. Entre nós os republicanos, embora lidem na propaganda directa das suas idéas, são funccionarios do estado, e até avultam na fileira como officiaes do exercito em activo serviço. Eis como a monarchia persegue os seus adversarios. E é devido a esta tolerancia, que em Portugal não tem augmentado o numero dos republicanos. Póde Lisboa ter duzias de directorios. Póde o collegio eleitoral, desvairado pelas falsas theorias de um republicanismo ultra-democratico, apoiar as tentativas dos principaes caudilhos d'esse partido. O paiz é porém indifferente a todos esses meios postos em acção pelos partidarios da republica, por que conhece que não gosaria de mais liberdade do que a que tem, e que a administração não correria melhor passando ás suas mãos.

Em Hespanha a republica produziu a anarchia, a guerra civil, as grandes perturbações que deram em resultado a *restauração da dynastia, que muitos julgavam* impossivel depois do desastre de Alcolêa. Na França o ensaio da terceira republica, se não trouxe os atrictos que precipitaram as duas primeiras tentativas, foi porque moldou o seu codigo pelas regras conservadoras, o que não obstou a que se amordaçasse a liberdade de imprensa, declarando o governo alguns departamentos em estado de sitio, e ultimamente expulsando os principes, só por considerar a sua presença contraria á segurança da republica. E aqui está como se prova que a democracia intransigente é mais opressora e tyrannica que outra qualquer fórma de governo.

Vamos pois conservando a liberdade que gozamos, que nem demais carecemos para a conservação da nossa autonomia. Estamos assim bem, e escusamos de aligeirar os processos politicos, para que d'ahi não advenham os transtornos, que teem sido um dos peores achaques, que atacaram a raça latina. Nada de aventuras. Vamos tratando pacificamente da reorganisação das finanças, levantando o nivel moral da administração. E para conseguirmos o *desideratum*, precisamos que a tolerancia não seja uma palavra vã, mas sim um principio que todos respeitem.

Ahi está o motivo porque nós, transcrevendo o artigo do *Correio da Noite*, o achamos engraçado por exprimir as opiniões do partido republicano, embora fossemos contrarios ao principio, que nem sequer admittimos por excepção. Mas que chiadeira não iria por esse mundo de Christo, se em vez de *canard*, tudo aquillo exprimisse a verdade dos factos! E' que os que apregoam *liberdade, egualdade e fraternidade*, não querem ser feridos pelas armas que elles vibram contra os adversarios. Querem tudo para si, mas para os inimigos das suas crensas partidarias, não teriam repugnancia de acender na praça publica as fogueiras da antiga inquisição.

A PROPOSITO DA DICTADURA

As folhas regeneradoras botam pregão contra a dictadura que, segundo elles, o governo vae assumir, e isto depois de terem apoiado as dictaduras da sua gente, que em quanto esteve no poder as exerceu sem vantagem publico, e só com o mero intuito de favonear interesses illegitimos. Que o diga a ultima reforma do exercito, que foi uma das maiores tolices d'aquelle partido politico.

A dictadura toma-se em circumstancias extraordinarias, e se attentarmos bem nas difficuldades com que lucta a administração, facil é concluir pela necessidade de pôr ponto final na situação anormal em que se acha o paiz,

Temos um *deficit* superior a 8:000 contos, e a divida fluctuante attinge a importante cifra de 12:000 contos. A administração civil é um cahos. O codigo disciplinar do exercito, privando a officialidade dos meios precisos para se fazer respeitar, introduziu a anarchia na fileira. A reforma das alfandegas augmentou notavelmente o pessoal, e guindou á posição de chefes individuos, que nem sequer serviam para subalternos. Finalmente em todos os pelouros o cahos substituiu a ordem. E como, segundo a expressão do *Jornal da Noite*, não são as cortes a legitima representação nacional, que remedio ha senão ver se por outros processos se consegue restabelecer o principio, obtendo o resultado que o paiz deseja?

A tamanho descredito chegou entre os proprios partidarios o regimen constitucional nas mãos dos regeneradores, que até os seus causidicos na imprensa não se cansam de dizer, que tudo se acha desvirtuado, e que é preciso empregar remedios energicos, para que o mal desapareça de vez. E nós á força de os ouvirmos, vamo-nos convencendo de que teem razão.

Do que o paiz carece é de administração cuidadosa, e como todas as molas estão relaxadas, convém substituil-as de pronto, para que a machina não emperre para todo o sempre.

RECTIFICAÇÕES HISTORICAS

No artigo que publicámos no nosso penultimo n.º, sob o titulo de *Fr. Thomé de S. José*, artigo devido á penna do nosso illustrado collega da *Actualidade*, o sr. José Caldas, lia-se o seguinte:

«Quando a intervenção hespanhola com a repugnante especulação anti-dinastica do Mac-Donell, veio pôr termo aos tumultos do Minho, os quaes chegaram a ameaçar por um momento a estabilidade do throno da rainha, o governo pacificador e victorioso que se lhe seguiu, elevando Vianna á cathegoria de cidade, deu-lhe o titulo de Vianna *do Castello* em honra da aventura que deixo descripta.»

O que ahi deixamos transcripto está muito longe de ser a expressão da verdade. A aventura a que se refere o nosso illustrado collega e que, foi a da defeza do castello de Vianna pelo tenente de infanteria Jacintho Pinotes em outubro de 1846, não é a que trouxe a Vianna as honras de cidade e o cognome *do Castello*. A aventura, ou antes o facto foi outro. O espaço de que podemos dispôr não nos permitte agora o historial-o, por isso limitar-nos-hemos a dizer que este facto foi a defeza heroica do castello desde meados de fevereiro de 1847 até 6 de maio do mesmo anno, sob o commando do então capitão de artilheria Francisco Maria Melquiades da Cruz Sobral, valente official, ha alguns annos reformado em general de divisão. A narração minuciosa d'este facto encontra-se n'um opusculo hoje rarissimo que, é attribuido ao mesmo general Sobral e que, tem por titulo *Memoria a defeza do castello da barra de Vianna, offerecida a beneficio dos infelizes soldados da sua guarnição que na Relação do Porto deram entrada em maio de 1847.—Lisboa na impressão de Galhardo & Irmãos—1847.*

Os tumultos do Minho tambem não acabaram com a intervenção hespanhola, nem tão pouco deu motivo a esta intervenção o movimento realisado por Macdonell. Os tumultos do Minho foram em abril e maio de 1846 e acabaram com a queda do ministerio Terceira-Cabral. A intervenção, essa, teve só logar um anno depois, e veio acabar com a revolta sustentada pela Junta do Porto, e não foi a intervenção hespanhola que acabou com ella, foi a intervenção da Hespanha, Inglaterra e França que, para esse fim se congregaram pelo protocolo assignado em Londres em 21 de maio de 1847. Esta intervenção foi pedida pelo governo portuguez em janeiro d'aquelle anno, quando Macdonnell já tinha sido assassinado pelas forças do general Vinhaes, em Sabroso, e o fundamento do pedido foi a alliança dos miguelistas com a Junta e a nomeação que, esta fez do general Povoas para commandante em chefe das suas forças.

* * *

O correspondente de Lisboa para o nosso collega do *Jornal de Estarreja* referindo-se ha dias á nomeação do general o sr. José Paulino de Sá Carneiro para commandante da 1.ª divisão militar, dizia o seguinte:

«Todos sabem que o sr. José Paulino deve a sua fortuna militar, porque a tem sem um unico acto de bravura, aos desgraçados acontecimentos de Braga em 1861 ou 1862.»

Isto é completamente inexacto. Os acontecimentos de Braga a que se refere o correspondente e que não deram nem tiraram gloria a ninguem, são decerto a revolução militar de 15 de setembro de 1862 realisada pelo regimento de infanteria 6 tendo á sua frente o capitão Macedo. O general o sr. José Paulino não tomou parte alguma nem pró nem contra a revolta. Se fossemos a fazer a biographia d'este valente general, poderiamos citar muitos actos de bravura praticados por elle, mas como o nosso fim consiste apenas em uma ligeira retificação citaremos tambem apenas o dia 25 de julho de 1833, um dos mais memoraveis do *Cerco do Porto*, em que a defeza era commandada por Saldanha e o ataque por Bourmont. Então o sr. José Paulino, bateu-se denodadamente na celebre *Flexa dos mortos*, tomando tambem parte na *celebre carga* dada n'esse mesmo dia por Saldanha nas *Guellas de Pau*, carga que salvou o Porto e que foi um dos maiores feitos d'este general.

A prova da nossa primeira affirmativo encontra-a o correspondente nos jornaes do tempo, a da segunda, em differentes escriptos e muito especialmente na noticia official n.º 17, na *Chronica Constitucional do Porto* de 3 d'agosto de 1833.

Noticias Locaes

Apontamentos de carteira.—Deve chegar hoje a Coimbra, onde se demora até ao fim do mez, o nosso sollicito representante em côrtes, o sr. dr. Francisco de Castro Mattoso da Silva Côrte Real.

— Regressou a Lisboa a ex.ma sr.ª D. Palmyra Leiria, esposa do distincto escriptor humorista Pan-Tarantula, e que aqui foi hospeda das ex.mas sr.as Mesquitas.

— Tem estado bastante incommodado de saude, a digna esposa do sr. Fernando Faro, tenente do 10.

Regresso.—Regressou hoje da capital a ex.ma sr.ª D. Branca de Carvalho. S. ex.ª acha-se quasi restabelecida dos incommodos de que ultimamente tem soffrido, o que nós muito estimamos.

Visita.—Acha-se entre nós o nosso patricio e amigo o sr. dr. Julio Pereira de Carvalho e Costa, digno delegado do procurador regio na comarca de Ponta Delgada. Veio visitar a sua familia. Seu pae, o sr. dr. José Pereira de Carvalho e Silva, que ha muitos mezes não sáe de casa, em consequencia do seu estado de saude, vê sempre com intima satisfação o filho, a quem a posição official obriga a permanecer n'aquella parte do archipelago açoriano.

E' sempre com prazer que registamos a visita a Aveiro d'aquelle nosso patricio e amigo. A elle e a sua extremosa familia o nosso sincero parabem.

Outra.—Tambem está entre nós o sr. Damião Bretiandos, que ha dias tomou o grau de bacharel em direito pela universidade de Coimbra. S. ex.ª pouco se demora em Aveiro, porque está de passagem para Braga, e acha-se hospedado em casa de seu irmão, o sr. dr. Augusto Cezar de Sá.

Mais.—Estiveram hontem aqui os nossos amigos os srs. Joaquim de Sá *Coutto, de Paços de Brandão*, e dr. Roberto Alves Ferreira, da Feira.

Acto de pura justiça.—No ultimo despacho praticou-se um acto de muita justiça. O sr. Antonio Tristão Correia de Lacerda e Alvim, foi elevado á cathegoria de visconde de Beirós.

Para muito mais são os meritos de s. ex.ª. Entretanto e como inicio para mais elevadas honrarias o principio acceita-se até pela expontaneidade da concessão, pois é certo que s. ex.ª a ninguem pedira, de ninguem sollicitára semelhante graça.

Amigos sinceros e leaes do illustre agraciado, seus correligionarios politicos, pois que s. ex.ª é o chefe illustre do partido progressista em Sever do Vouga, consignamos aqui o prazer que nos causa a concessão de tão merecida graça.

A suas ex.as os novos viscondes e a seus ex.mos paes os nossos parabens sinceros e dedicados.

Transferencia.—Acaba de ser transferido o escrivão de fazenda de Ovar, vindo para este concelho o de Penella. Aquelle escrivão, não contente com as muitas gentilezas que tem praticado, entre as quaes avulta o espancamento d'um menor dentro da propria repartição, estava agora sonegando ás reclamações publicas a matriz da contribuição industrial, que toda a gente affirma estar falsificada, sendo preciso que o administrador do concelho, como presidente da junta de repartidores, de que o escrivão de fazenda é mero secretario, procedesse á apprehensão da mesma matriz e a pozesse á exposição do publico. O sr. delegado do thesouro do districto havia partido para lá hontem a fim de fazer entrar o escrivão no caminho do seu dever.

Enlace auspicioso.—Consorciaram-se ha dias em Lisboa o sr. Romão Arthur Prat com a ex.ma sr.ª D. Maria José Raposo, filha do nosso patricio e amigo, o sr. José Martins Raposo. Aos felizes noivos o nosso ardente parabem.

Distincta.—A sr.ª D. Licilia Duarte, de 12 annos de idade, filha do nosso amigo e honrado proprietario e commerciante, sr. Julio C. F. Duarte, d'Anadia, alumna do collegio alemão, Bonhaf, da rua das Fontainhas, do Porto, acaba de fazer exame de instrucção primaria, no lyceu nacional do Porto, ficando distincta. Damos os nossos parabens aos paes e á intelligente educanda.

Desastre.—O sr. Antonio Tristão Correia de Lacerda, visconde de Beirós, que se acha ha dias n'esta cidade hospedado em casa de sua ex.ma sogra a sr.ª D. Maria Gracinda Henriques de Carvalho, em Arnellas, foi victima d'um desastre que podia ter as mais graves consequencias. S. ex.ª vinha na sua carruagem com sua ex.ma esposa, sendo elle proprio que guiava, quando de repente o cavallo espanta-se e tomando o freio nos dentes, arrasta o carro em vertiginosa corrida. Havendo-se partido um dos tirantes e bem assim as redeas, o carro tombou n'uma das valetas da estrada que do Cojo se dirige á Estação, resultando da queda ficarem bastante magoados os srs. viscondes. A primeira pessoa que lhes acudiu ajudando-os a sair do carro e detendo o cavallo foi o sr. Manuel Amaro de Carvalho, sendo os soccorros medicos prestados pelo sr. dr. Figueiredo.

Obito.—Falleceu depois de um soffrimento prolongado a ex.ma sr.ª D. Anna de Moraes Cabral. Era uma senhora muito estimavel, que se recommendava pelas suas excellentes qualidades. A suas irmãs, as ex.mas sr.as D. Maria José e D. Maria Benedicta de Moraes Cabral, que a estremeciam, enviamos d'aqui a expressão do nosso sentimento.

Luto. — Está tambem de luto o revd.mo sr. padre Francisco da Costa, Junior, digno director do collegio *Probidade* estabelecido na sua casa a S. Gonçalinho. Falleceu ha dias seu cunhado o sr. Francisco dos Santos Netto, e como elle é extremoso por a sua familia, e como nós temos em subida conta os seus merecimentos e a sua amisade, d'aqui lhe enviamos as nossas expressões de condolencia.

Theatro.—Teve logar na quinta-feira no Theatro Aveirense a representação do conhecido drama *O 29 de linha ou honra e gloria.*

A recita era em beneficio do monumento que ahi se está erigindo á memoria do grande tribuno José Estevam Coelho de Magalhães, e actores, os officiaes inferiores do regimento de cavallaria n.º 10. Simpathica pois era a festa; honrava-se a memoria d'um illustre filho d'Aveiro e honravam-no militares briosos que Aveiro tambem se honra de ter por filhos adoptivos. São portanto dignos dos mais alevantados elogios aquelles officiaes que quizeram mostrar a sua affeição a Aveiro, contribuindo tambem para que se salde uma divida de gratidão para com o homem, que se foi grande na tribuna, tambem o foi nos campos da batalha, e que antes de ser orador e estadista foi soldado.

O theatro estava vistosamente ornado com flores, coroas e bandeiras, vendo-se na frente dos camarotes escudos com as iniciaes do grande tribuno.

O desempenho agradou geralmente. Todos se esforçaram o que poderam, sendo sobretudo dignos de mensão especial os srs.:

Fernando Guimarães, *o quarteleiro 29*, aquelle bravo militar de que tão poucos exemplares nos restam, que teve scenas felicissimas e foi em todas muito applaudido, e com inteira justiça.

Este nosso amigo revelou bem de quanto é capaz a sua intelligencia e a sua habilidade, e nós folgamos em dizel-o bem alto.

Consta-nos agora que n'uma recita proxima, promovida por um grupo de artistas, o sr. Guimarães fará o papel principal, e oxalá que assim seja, pois lhe não faltam recursos, e é-nos grato ver bem entregue um papel de responsabilidade, n'uma obra de merito, como é o drama que vae levar-se.

Esteves, *escupeta-rancheiro*, que abriu o espectaculo com um *espreguiçar-se* naturalissimo e terminou com uma d'essas acções, tão raras, que nobilitam e engrandecem, parecendo que a voz lhe soluçava na garganta, n'uma doce comoção divinisadora;

Carvalho, o celebre *batatudo*, que foi sempre engraçadissimo, arrancando muitos aplausos á plateia;

Pacheco, o honrado *sargento Placido*, que procurou manter-se sempre regularmente;

Anna Pereira, a filha do generosissimo 29, que agradou bastante, dizendo o papel melhor do que era de esperar de uns 3 ensaios que teve;

Julia Pereira, mãe d'esta, que não desmereceu do conceito em que a tinhamos ha muito.

A concorrencia era numerosa e selecta, e os applausos como era de justiça, foram muitos. No final do espectaculo, houve differentes chamadas e o hymno da carta, que é parte obrigada do drama, foi ouvido de pé e repetido tres ou quatro vezes no meio de grande enthusiasmo.

Melhoramentos locaes.—De uma correspondencia que para o *Commercio do Porto* escreveu o nosso illustrado amigo o sr. A. F. d'Araujo e Silva, transcrevemos os seguintes periodos, eloquente lição da maneira altamente patriotica como a illustre vereação do nosso concelho cura dos melhoramentos municipaes.

«Teem tido grande impulso os trabalhos do novo quartel de cavallaria 10. Está quasi completa de alvenarias, cantarias, emmadeiramento de soalhos e armação de telhados toda a ala do norte. D'este lado os corpos extremos, intermedio e central, estão proximos do respaldo das paredes, achando-se todos com o travejamento de soalhos do 1.º andar. Na zona das cavallariças estão sendo levantadas as paredes divisorias. Todos os vigamentos e armação de telhados são feitos com excellente madeira de *pitch-pine*. Para cobertura foi adoptada a telha, segundo o typo de Marselha, sendo este material fornecido pelo importante estabelecimento dos srs. Almeida da Costa & C.ª, das Devezas.

Se não houver algum contratempo, devem ficar cobertos no fim do proximo julho os quatro corpos a que alludimos, passando-se depois á execução dos trabalhos das carpintarias interiores. Para se formar um perfeito juizo da grandeza d'esta obra, basta dizer que ja estão empregados cerca de 4:500 metros cubicos de alvenarias, 300 de cantaria e 200 de vigamento de *pitch-pine*.

O numero médio de pessoas empregadas nos trabalhos tem regulado por 120.

— Fica prompto esta semana, sendo em seguida inaugurado pela charanga de cavallaria, o corêto mandado construir pela camara no jardim publico. A base d'esta obra ornamental tem a fórma de um octogono medindo 30 metros quadrados, podendo, portanto, comportar á vontade trinta musicos. Ao contrario do que se pratica geralmente nos corêtos, as condições de repercussão de som foram applicados ao tecto. Para isso os oito planos da cobertura são encimados por uma cupula que transforma o tecto n'uma verdadeira trompa acustica. O resultado foi excellente.

— Devem ser iniciados brevemente os trabelhos do novo mercado da «Princeza Maria Amelia». Será realisado em rotunda em abarracamentos para fructas, hortaliças é generosos. Para esta obra foi escolhido o largo do Cojo, ao qual será acrescentado todo o terreno a conquistar do esteiro que vae ser atterrado, obtendo-se assim perto de mais 1:000 metros quadrados de mercado. E' uma obra indispensavel para Aveiro.»

O homem da lei.—*Sou o homem da lei*: é assim que se apellida o actual presidente da junta revisora d'este districto, mas o que elle é dizem-no os periodos que vamos transcrever de uma correspondencia de Vianna para o nosso collega da *Provincia*.

Foi escorraçado do districto de Vianna, como já o havia sido do de Braga. Sem criterio nem bom senso, a qualidade que o distingue não é por certo a delicadeza. Fallando sempre na lei que não conhece, não faz senão deprimir os que o antecederam na commissão que actualmente desempenha, e insulta os que não subscrevem ás suas exquisitas exigencias e disparatadas disposições. E' já grande, enorme a indisposição que lavra na cidade contra elle, sendo citadas a cada passo as suas eternas coarctadas e insinuações suspeitosas e ridiculas. A sua substituição é urgentissima, porque lhe deu para caturrar a proposito de tudo, revelando-se impertinente e pouco cortez. Para que se não julguem exageradas estas nossas considerações, leia-se o seguinte:

«Com grande prejuizo do serviço e desprestigio da classe garante-se o accesso aos mais altos postos a muitos imbecis; e se mais tarde estes pelos seus precedentes, que denotam a mais crassa ignorancia dos deveres que lhes cumpre desempenhar, e até ás vezes total carencia de senso commum, não estão no caso de permanecerem arregimentados sem offensa grave da disciplina e do decoro militar, atira-se com elles para qualquer d'essas commissões, cujo serviço violento consiste apenas em assignar mensalmente o recibo do soldo! E, se qualquer d'elles é coronel ou tenente coronel, e tem dado sobejas provas de completa incapacidade para o commando d um corpo, para esse descobriu-se uma nova qualidade de commissões. Nomeia-se presidente da junta revisora em qualquer districto, e ei-lo com modos bruscos e uma phraseologia reles dando expansão pelas comarcas á saa ignoraucia e á sua falta de senso!

O cavalheiro viannense. que se dêr ao trabalho de lêr estas linhas, hade dizer logo, que eu lhe estou fazendo o esboço moral do presidente da junta revisôra n'este districto, visto que em qualquer ponto da cidade se ouve a jocosa narrativa da caturrice convencional do mesmo presidente, das suas bravatas quichotescas, da sua supina ignorancia acompanhada d'uma philaucia reles, e dos modos bruscos e repellentes com que por disposição nativa ou por vicios de educação trata os vogaes da junta, que, afora a direcção dos trabalhos, têem em tudo direitos iguaes aos d'elle presidente, direitos que s. ex.ª não comprehende e de que entende dever espolial-os, julgando que presidir a uma junta revisôra é serviço analogo a estar mandando soldados boçaes na forma.

De se confiar a direcção d'um serviço tão melindroso a um homem tão incompetente sob todos os pontos de vista, tem resultado o dispendio de 3 e mais dias nas sessões ordinarias mensaes, para as quaes no anno passado bastava um unico dia, resultado este d'um expediente longo, fastidioso, inutil e por vezes irrisorio.»

. . . . . .

«Quando n'uma das minhas ultimas cartas me referi á completa inaptidão do sr. coronel Fallé para presidir ás sessões da junta revisora d'este districto, longe estava eu de pensar que a simples transferencia de s. ex.ª para commissão identica em Aveiro lhe grangearia os dotes que não possue. As estações superiores, porém, assim o intenderam, ordenando que fosse aqui substituido pelo sr. tenente-coronel d'infanteria n.º 20, Gusmão Calheiros, indo s. ex.ª para Aveiro.»

A isto não temos que accrescentar. O resto é com o governo que o não poderá consentir por mais tempo no desempenho d'uma missão tão importante.

Julgamento.—O nosso presado e illustrado collega *Jornal d'Estarreja*, dá assim noticia do resultado da audiencia de policia correccional em que, por mera perseguição politica, teve de responder o nosso dedicado correligionario do Bunheiro, o sr. Ferreira Moutoso:

«O sr. Manuel Joaquim Ferreira Moutoso, que no numero passado dissemos ter de ser julgado hontem, foi absolvido. O sr. Barbosa de Magalhães, seu advogado, fez um brilhante discurso, Bem estimamos este resultado, por muitas razões.»

Phylloxera.—Parece que no corrente anno ha muitas zonas phylloxeradas na importante região vinhateira da Bairrada. E' uma infelicidade e das maiores, contra a qual os interessados pódem e devem reagir. Sendo como é importante e rica aquella parte do districto, porque é que os proprietarios não se ligam para se oppôrem energicamente á invasão do terrivel parasita, cujos estragos se vão manifestando de um modo assustador?

Parece-nos ser este o meio mais efficaz para combater com vantagem o phyloxera.

Corpus Christi.—Conforme o antigo costume deve ter logar na proxima quinta-feira a procissão de *Corpus Christi*, devendo sahir pelas 6 horas da tarde da egreja da Sé. Acompanhará a procissão a ex.ma camara municipal, todas as auctoridades e o regimento de cavallaria n.º 10.

Poesia.—A poesia que publicamos em outro logar sob o titulo de *Meditação* é a estreia d'um formoso talento feminino que desabrocha em plena primavera são versos aos 16 annos e versos de uma senhora.

O preço da carne.—Tem baixado consideravelmente o preço do gado, mas apesar d'isso em muitas localidades, e entre ellas Aveiro, a carne continua a ser vendida pelo preço que até aqui. Isto não é razoavel; os vendedores de carne devem necessariamente attender á circumstancia que deixamos exposta, que é importante.

Sobre este mesmo assumpto dirigiu o sr. Henrique Kendall ao nosso collega do *Commercio do Porto* uma interessante carta de que transcrevemos os seguintes periodos:

«Os preços actuaes de gado para embarque, de qualidade muito superior á que é, geralmente, fornecida ao consumo nos talhos da cidade, regulam de 6$200 a 6$300, por quintal inglez de 50,800 grammas, de boi pesado vivo. E' devido a este preço baixo que a exportação reanimou um pouco ultimamente. Antes, porém, de baixar até o mencionado preço, pagava-se o gado a 6$750 réis por kilogrammas 50,800, preço este que vigorava ha bastantes mezes.

Qual será pois, a causa da carne para consumo manter. inalteravel, o preço de 340 réis por kilogramma, preço que vigorava no tempo em que o gado para embarque custava 7$600 a 7$800 réis por kilogrammas 50,800? Será porque os donos de talhos ignorem a baixa do preço do gado de embarque e continuem a comprar caro o gado para consumo?

Se é esse o motivo, é bom que fiquem sabendo que podem comprar o gado mais barato, fazendo partilhar d'esse beneficio o consumidor.»

Modus vivendi.—Um sugeito, que se inculca como gravador do Porto, explora uma industria nova. Manda entregar, por uma mulher, á casa de cada individuo um involucro sobrescriptado, contendo o que denomina um *mimo*, que consiste n'um alfinete de latão, representando um pombo-correio, com um bilhete no bico, com o nome da pessoa, e pedindo, bem entendido, qualquer recompensa n'uma carta lythographada. Mas o melhor do negocio, é que depois, a mulher ou um rapaz, que tambem anda appenso (o sugeito não apparece), se lhe não dão a gorgeta que phantasiaram, resmunga, não quer acceitar a *esmola*, e querem exigir pelo tal *mimo* 500 reis. Prevenimos, pois, os incautos, para que não cáiam na esparréla de acceitarem o brinde forçado.

Juros de inscripções.—Começa na segunda-feira no cofre central e nas recebedorias das comarcas d'este districto o pagamento dos juros do primeiro semestre d'este anno e atrazados das inscripções.

A fabrica de conserva de peixe.—Estão bastante adiantados os estudos para a montagem da fabrica de conservas de peixe, que os srs. Amieux Fréres pretendem fundar no Alboi d'esta cidade, estando agora a proceder-se aos contractos com os proprietarios dos armazens e do terreno.

Inspecção militar.—Terminou este serviço, sendo inspeccionados 23 mancebos, dos quaes se remiram 9, na importancia de 1:490$000 reis.

Arrematação.—No dia 23 do corrente serão arrematados no governo civil d'este districto 12 bens pertencentes ao passal do parocho da freguezia de Espargo, no concelho da Feira.

Trabalho no mar.—O mar continua bom e permitte por isso o trabalho. O trabalho porém é que não produz nada, porque a pesca continua a ser de insignificante valor, quasi que não dando os lanços para a despeza d'aparelhos. O que está succedendo na pesca do mar é uma verdadeira desgraça.

Estado dos milhos.—E' bellissima a perspectiva dos milhos. Não ha exemplo de se verem melhores. Por este lado não vão mal as cousas agricolas.

Enviadas.—Começam a chegar aqui estas embarcações, que se destinam á pesca no Tejo.

Agradecimento.—Os officiaes inferiores do regimento de cavallaria 10, pedem-nos a publicação do seguinte.

—

Os officiaes inferiores do regimento de cavallaria 10 que tomaram parte no espectaculo dado na noite de ante-hontem em beneficio do monumento a José Estevam, summamente penhorados para com todos os que concorreram para abrilhantar aquella festa ajudando-os n'uma empreza feliz, veem agradecer por esta fórma essa fineza, por que teem a mais subida consideração, e offerecerem os seus prestimos, insignificantes que sejam.

Aveiro, 19 de junho de 1886.

Os officiaes inferiores do regimento de cavallaria 10.

Noticias Diversas

Occorrencias no caminho de ferro.—A companhia, ou quem a representa em Coimbra, fez partir d'alli, na madrugada de 2 do corrente, o comboyo do correio ascendente rebocado por duas machinas, uma das quaes era a chamada—reserva—até á Pampilhosa, e sem esta levar o signal regulamentar *que annunciasse a sua passagem de regresso*. E por esta criminosa falta, e, talvez, tambem pelo uzual desleixo dos guardas-barreiras, que não se occupam muito em fechar estas, a machina no regresso a Coimbra tropeçou n'um carro de bois carregado de saccos com 2 moios de milho que estava na importante passagem do nivel da estrada real de Lisboa ao Porto, 4 kilometros áquem de Coimbra, fazendo o carro em estilhas e espalhando o milho a grande distancia. Esta estrada segue, partindo do norte, parallela á linha ferrea a curta distancia na extensão aproximada de 1 kilometro, sendo cortada obliquamente pela linha, que para isso fórma curva em trincheira, o que obriga a passagem de nivel a grande obliquiadade; e foi por isto que o carreiro, auxiliado por um seu companheiro, impressionados por um perigo iminente, ao ouvir apitar a machina perto de si, tiraram, n'um abrir e fechar de mão, os bois do carro, abandonando este na passagem, salvando-se milagrosamente e aos bois. Por uma falta semelhante—a de mandar avançar uma machina isolada sem previo e regulamentar annuncio—é que outra machina encalhou na ponte de Canellas, n'outro dia 2—faz 3 annos no proximo julho. Então como não se pôde encostar as culpas aos inferiores culpados, o principal culpado, que é dos taludos, archivou se o processo sem um protesto qualquer por parte do m. p. O dono do carro e do milho terá de se calar, se não...

Triste, muito triste.—E' da *Correspondencia de Coimbra*, de hontem, a seguinte noticia:

Hontem, pelas 5 horas da tarde, foram banhar-se ao Mondego, no sitio da Memoria, uns dez estudantes, que, entrando em logar perigoso, poderam a custo salvar-se, excepto um, que até á hora em que escrevemos ainda não appareceu. O infeliz afogado chamava-se Antonio de Mattos Mexia da Costa, e era natural de Borba. Frequentava preparatorios. Um seu irmão estava de ponto para hoje fazer acto na Universidade, e sua mãe chegou hontem. Julgue-se do desgosto da pobre senhora!

A falta de cautella, a imprevidencia produz factos d'esta ordem.

Caminho de ferro de Torres.—Foi determinado que se proceda sem demora aos estudos definitivos do ramal d'Alfarellos, que faz parte da linha ferrea, em construcção, de Torres Vedras por Leiria á Figueira, tendo principalmente em attenção que elle é destinado a servir como linha directa e a mais curta possivel entre a Figueira e Coimbra.

Despachos de fazenda.—Verificaram-se os seguintes:

Pedro Eduardo Battier Segurado, amanuense da contadoria da junta do credito publico, obteve trinta dias de licença por doente.

Carlos Joaquim Xavier da Silva, visitador especial do imposto do sello e da contribuição do registo no districto de Villa Real, idem.

Jeronymo Innocencio Muschatt Salyba, primeiro contador do tribunal de contas, aposentado no referido emprego, com o ordenado por inteiro.

Antonio Bernardo Carvalho, promovido, sob proposta do tribunal de contas, do logar de segundo contador ao de primeiro contador do mesmo tribunal, vago pelo fallecimento de Manuel do Cante e Castro Mascarenhas Valdez.

José Amaro Ferreira Vianna, promovido, sob proposta do tribunal de contas, do logar de segundo contador ao de primeiro contador de mesmo tribunal, vago pela aposentação de Jeronymo Innocencio Muschatt Salyba.

Augusto Carlos de Carvalho, amanuense da direcção geral dos proprios nacionaes, mandado prestar serviço na direcção geral das contribuições directas,

O crucifixo de Alexandre Herculano.—O illustrado parocho da freguezia da Pena, de Lisboa, o sr. Silva Figueira publicou ha dias n'um jornal d'aquella capital a seguinte narrativa que por todos os titulos merece ser archivada.

Como é indispensavel e conveniente publicar-se tudo quanto possa contribuir para se apurar e depurar o caracter moral, religioso, politico e philosophico dos nossos escriptores que maior influencia exerceram na nossa terra, no movimento litterario da geração que nos precedeu, inserimos, com o maior prazer, a seguinte communicação que enviou directamente o illustre prior da Pena:

«Ha poucas semanas, sob esta epigraphe, publicou o *Diario de Noticias*, de Lisboa, um artigo a respeito da imagem que será colocada na capela, onde, no maravilhoso claustro de Belem, vão ser depositadas as cinzas de Herculano.

Parece-nos que o que vamos escrever com mais razão ainda merece um tal titulo. Alexandre Herculano amou com muito affecto sua mãe, senhora que, sob o exterior da maior rispidez, occultava altos dotes de coração. Fallecida ella, Herculano desistiu de toda a herança e só quiz um crucifixo, bella escultura que ha muitos annos andava na familia. Conservou-o piedosamente comsigo em quanto esteve na Ajuda e após aquelle doloroso acontecimento.

Quando, decidido a ir para Valle de Lobos, quiz retirar-se d'Ajuda, foi ter com uma pobre familia, marido e mulher, moradores no Pateo da Castelhana, junto do Paço-Velho, e mui conhecidos e estimados, e lhes disse:

«O' Bernarda, venho pedir-vos um favor: e é que me deixeis meter no vosso oratorio o crucifixo de minha mãe. Por ora não possuo em Valle de Lobos caza onde o tenha como desejo tel-o, e aqui sei que muito o estimareis e que nas orações sinceras que deante d'elle fareis, não vos esquecereis de mim.»

E' facil de acceitar quo o crucifixo foi recebido com a maior alegria. Herculano não vinha nunca a Ajuda que não fosse, em piedosa romaria, ver o devoto crucifixo e junto d'elle passar alguns momentos, em doce contemplação.

Casou Herculano, e sua virtuosa esposa, a sr.ª D. Meira, logo o resolveu a fazer capella na casa de Valle de Lobos e a levar para lá o querido crucifixo.

Com esse fim, vieram á Ajuda. Fallando-me a tal respeito disse-me Herculano: «Amanhã, lá vou para sua casa e lá passarei a tarde e um bocado da noite, emquanto minha mulher vae resolver com a viuva do Bernardo este difficil negocio, pois eu não tenho coragem em tal fallar á velhinha, que, pressinto, não resistirá á saudade do piedoso objecto que mais avulta no seu oratorio e a que ella já está costumada ha tantos annos.»

A prometida visita, realisou-se. Quando á noite o acompanhei, disse-lhe: «Amanhã cá virei saber qual é resultado da difficil missão de que sua esposa se incumbiu.»

Fui. «E então?» lhe bradei eu. «Então, respondeu elle, a coisa passou se melhor do que eu julgava.

A velhinha primeiramente embatucou ao ouvir a manifestação da vontade minha e de minha mulher, mas d'ahi a pouco respondeu serenamente: «Deve ser; e eu mesma quero que assim seja, porque os amo muito e o Senhor ha de levar-lhes a felicidade. Devem ser felizes pessoas que muito amo e a quem devo os maiores favores. Tenham a certeza de que não resistirei á minha saudade, mas isso não obsta; mais do que tudo, vale o meu desejo de que sejam felizes.»

E n'isto a velhinha, tremula e em lagrimas, tirou o crucifixo do oratorio e depois de o oscular repetidas vezes, o entregou a minha mulher, que sahiu commovidissima, como é de supor.»

Effectivamente, passado muito pouco tempo a velhinha morreu.

A velhinha e a saudade tinham extinguido o pouco oleo que alimentava aquella debil luz.

A lenda de uma capella.—Realisou-se na segunda-feira em Alvarezes, proximidades de Vizeu, a festividade e arraial de Santa Lusia, atrahindo uma espantosa concorrencia de romeiros. Da origem da capella, onde se venera a imagem e que data de 1630, ha a seguinte lenda, segundo refere um jornal de Vizeu:

«Um individuo de Repezes, chamado Antonio Dias Ribeiro, do procedencia hebraica, christão novo, foi quem edificou a ermida, mas com o fim de alli collocar a imagem da rainha Esther que elle mandou esculpturar e que o artista deixou muito á similhança da imagem da Mãe de Jesus. O hebreu mandou tambem alli levantar o seu jazigo, disposto a dormir o somno eterno junto da sua querida Esther. Um excentrico singular que, coitado, pagou por bom preço a sua mania. Em pouco tempo o Santo Officio tomou conhecimento do caso e mandou prender o pobre Ribeiro, de Repezes, que mesmo perante o terrivel tribunal affirmou a sua intenção de querêr honrar a formosa esposa de Assuero.

O Santo Officio «fez a sua obrigação», submmetendo o desgraçado á tortura, e depois de mandar tirar da ermida a sepultura onde estava gravado o nome de Antonio Dias Ribeiro, determinou que aquelle edificio se considerasse uma capella, e que a imagem de Esther fosse tida como a de N. S. dos Prazeres, doando em seguida tudo ao seu familiar Francisco Ferrão Castello Branco, natural de Vizeu e que possuia umas casas que n'aquelle tempo se chamavam do Balcão, na rua da Calçada, que vem da Ribeira para a Sé.»

Muzeu colonial.—Durante as festas do casamento do principe real visitaram o muzeu 70:000 pessoas.

Abalo de terra.—Em 9 do corrente sentiu-se em Evora um pequeno abalo de terra, precedido de grande ruido subterraneo.

Partidos medicos.—Foram postos a concurso os seguintes partidos:

Alverca, 400$000 reis annuaes.

Penamacôr, 800$000 reis annuaes. Sendo n'este 650$000 reis pagos pela camara, e 150$000 reis pelo hospital da villa.

Ordem do exercito.—A que se publicou ultimamente docreta as seguintes promoções, transferencias e exonerações:

Estado maior general—General de divisão, o general de brigada, Antonio Augusto de Macedo e Couto.

Estado maior de engenharia—Major, o capitão, Diogo Pereira Sampaio; capitão, o tenente, Francisco de Lucena e Faro.

Engenharia—Tenente coronel, o major Godofredo Edmundo Alegro.

Caçadores 1—Alferes, o alferes graduado, Antonio Ferreira Vianna.

Infanteria 9—Tenente, o alferes, Joaquim José da Costa Junior; alferes, o alferes graduado de caçadores 7, Chrysogono Nunes Pinto.

Infanteria 24—Capitão, o tenente de infanteria 18, Manuel Pereira dos Santos; alferes, o alferes de infanteria Eduardo Ernesto de Alcantara Ferreira.

Direcção da administração militar—Primeiro official, sub-director, com graduação de coronel, o primeiro official com graduação de tenente coronel, João Baptista Sabbo; primeiro official com graduação de tenente coronel, o primeiro official com graduação de major, Henrique Eduardo Leite; primeiro official com graduação de major, o segundo official com graduação de capitão, Francisco José Cardeiro; segundo official com graduação de capitão, o aspirante com graduação de tenente, Manuel José Gregorio Ferreira.

Caçadores 2—Alferes, o alferes graduado do 5 de caçadores, José Augusto da Fonseca Barreiros.

Caçadores 3—Capitão da 2.ª companhia do 2.º batalhão, o tenente de caçares 11, Manuel Rodrigues da Silveira Maciel.

Caçadores 6—Capitão quartel mestre, o tenente quartel mestre, Thomaz de Aquino Victor.

Caçadores 1—o alferes de infanteria 4, Vicente Emiliano Mimoso Serra.

Para caçadores 2—o cirurgião ajudante do exercito, Luiz Antonio Ribeiro Dias.

Para caçadores 7—o alferes do 8, José Ezequiel Rodrigues Leitão.

Para caçadores 8—o alferes do 1, Antonio Ferreira Vianna.

Para infanteria 2—o cirurgião ajudante de cavallaria 1, Salvador Augusto de Brito.

Para infanteria 4—o alferes de caçadores 2, Antonio Augusto de Almeida e Silva.

Infanteria 5.—Alferes, o alferes do regimento de infanteria 24, José Antonio da Costa Braklamy Junior.

Infanteria 6—tenente o alferes do regimento de infanteria 24, Belchior José Machado.

Infanteria 8—tenente ajudante, o alferes ajudante, Antonio Lucio dos Santos.

Infanteria 14—Alferes, o alferes de infanteria 21, Adolpho Cardoso da Fonseca Lebre.

Infanteria 16—Capitão da 4.ª companhia do 1.º batalhão, o capitão do de infanteria 24, João Ricardo de Miranda Macedo e Brito.

Infanteria 21—Alferes, o alferes de infanteria 14, Antonio Simões Dias.

Infanteria 21—capitão da 4.ª companhia do 2.º batalhão, o tenente de caçadores n.º 7, Francisco Xavier Pereira de Magalhães.

Infanteria 24—alferes o primeiro sargento do 2 de caçadores, Manuel Cesar Rodrigues.

Casa de reclusão na 1.ª divisão militar—Commandante, o capitão de infanteria 16, Jorge Ernesto de Abreu Castello Branco.

Para a 1.ª divisão militar, commandante o general de divisão, José Paulino de Sá Carneiro.

Para ajudante de campo do commandante o sr. Feliciano da Fonseca de Castro e Solla.

Para a 2.ª divisão militar, segundo commandante o general de brigada José Cyrillo Machado.

Para chefe do estado maior, Eduardo Ildefonso de Azevedo.

Para inspector do material de guerra. Eugenio Augusto Cardoso do Amaral.

Para o estado maior de artilheria, coronel, João Maria Rodarte.

Para artilheria 3 o major do estado maior de artilheria, Gaspar de Faria Machado Schiapa Roby.

Para artilheria 5 o coronel do estado maior de artilheria, Antonio Candido da Costa.

O segundo tenente de artilheria 1, João Manuel de Lima Carmona.

Para a companhia n.º 2 d'artilheria de guarnição, o segundo tenente de artilheria 7, José Alves Camacho.

Para a companhia n.º 3 d'artilheria de guarnição o segundo tenente de artilheria 1, Luiz Augusto Ferreira.

Para cavallaria 1, o cirurgião ajudante do exercito, Pompeu de Carvalho Mirabeau.

Picador de 1.º classe de cavallaria 3, Joaquim Pedro Salgado.

Capitão da 4.ª companhia de cavallaria 5, Joaquim Dias Frazão.

Capitão da 5.ª companhia de cavallaria 8, Ayres Pinheiro Mascarenhas Valdez.

Tenentes de cavallaria 10, Augusto Sebastião de Castro Guedes Vieira e José Matheus Lapa Valente.

Picador de 1.ª classe de cavallaria 10, D. Antonio de Portugal.

Correio da moda.—E' do ultimo numero da *Moda Illustrada*, o seguinte:

«Vendo-se o tempo frio e chuvoso como tem havido n'estes ultimos quinze dias, custa a acreditar que estejamos no verão, e não ha animo para tratar dos vestidos de tulle e musselina. Mas fallemos sempre n'elles, e façamos o nosso dever, embora o tempo não faça o seu.

As *toilottes* de estio são de grande elegancia. O tulle creme, alvadio claro, ou crú, é bordado com pequenas flores em relevo da mesma côr, ou heliotropio, rosa azul, etc., assentado sobre seda de côr apropriada ao bordado. A musselina, bordada a ponto cheio e imitando as antigas cassas da India, fórma bonitos vestidos applicada tambem sobre seda de côr. Tanto uns como outros são usados não só para as *matinées* dançantes, os *lunchs*, as corridas, etc. O seu côrte é simples. N'alguns vêm-se os bordados formarem barras altas na extremidade da saia e esta cair em pregas naturaes, sem terem tufos e apenas com alguns pequenos apanhados que deixem ver a primeira saia.

Nos corpos a variedade é maior. Muitos são redondos, não tendo abas, presos por cintos de côr. Fazem-se abertos no peito em quadrado, outros em bico, outros emfim afogados com camisette em tufo da mesma fazenda ou da seda de côr, igual á do vestido que compõe o forro. As mangas chegando só ao cotovello são adornadas, com folhos de renda. Os chapéus para estas *toilettes* são em tulle, assente sobre transparente de côr igual á do vestido e adornados com um tufo de flores velado com tulle.

Os chapeus são bem bonitos, quando a moda não é exagerada. Para cidade usam se as capotas e os *manons*. As primeiras têm fitas de atar estreitas ou largas, mantas de tulle ou de renda; as outras sem fitas, assentando sobre o cabello, onde prendem com um grande alfinete que muitas vezas é um verdadeiro *bijou*, são mais um toucado do que chapéu.

Os outros chapeus a que damos o nome de redondos têm a copa alta e as abas grandes. São mais proprios para campo e aguas do que para cidade, onde só as meninas ou senhoras muito novas os trazem. Para viagem continuam a usar-se os unicos chapeus que se não tornam incommodos, que são a *toque* de palha, pequena e leve, com a aba levantada, como os chapeus boleros, e simplesmente adornada com umas laçadas de fita ou uma aza mettida entre nós de velludo.

Como já temos dito, não ha côr preferida este verão; usa-se de tudo, comtanto que seja bonito e fique bem, mas as modistas francezas tem n'esta estação munido duas côres—o *mauvés*, especie de lilaz rosado, com o rosa claro. Formam um esbatido suave, que agrada á vista e que tem o grande valor da novidade.

As *toilettes* para *lawn-tennis* são muito bonitas e fazem-se com côres vivas.

Um lindo modelo é: saia curta de surah em riscas escocezas sobre fundo creme preguecado ao alto, com o corpo sem abas, liso, com estreito cinto rematado atraz por laçadas de fita. O corpo bem justo é afogado, tendo a golla alta e direita. Quanto ao chapeu, quer seja de palha quer de tulle *point d'esprit*, e adornado com um ramo de flores ou uma ave mettida n'um ninho de rendas.

Tanto para estas *toilettes* como para as de campo ou aguas, o vermelho emprega-se muitas vezes nas guarnições dos vestidos e chapeus, o que lhes dá um tom alegre que agrada.»

Novas de Longe

A expulsão dos principes d'Orléans.—Alguns officiaes americanos que em 1862 serviram com o conde de Paris no estado-maior do general Mac-Clelan, enviaram-lhe na semana passada o seguinte telegramma:

«Venha para cá, que será bem recebido pelos seus antigos companheiros d'armas.

Ainda não nos esquecemos dos serviços que prestou á nossa Republica na mais grave das crises.

Nenhum nome é entre nós objecto de mais respeitosa memoria do que o seu e do duque de Chartres.

Os veteranos da grande guerra sabem quanto fez e quanto póde fazer.

Espera-o aqui um enthusiastico acolhimento.—General *Daniel Futterfield*.»

Em resposta, o general recebeu o seguinte telegramma do conde de Paris, que o *Français* publica:

«Recebi com reconhecimento o seu estimado telegramma. N'estes dias dolorosos, a lembrança cordial de antigos camaradas, vinda da sua grande republica, é para mim uma consolação e um alento.

Infelizmente, n'este momento, a America fica muito longe para mim; mas tornar a vêr em plena prosperidade a terra que conheci nos seus dias de provacão, fóra o completo de todos os meus desejos.—*Pariz*.»

—

O correspondente do *Times* em Paris, sr. de Blowitz, foi ao castello d'Eu visitar o conde de Paris no dia em que principiou na camara dos deputados a discussão do projecto relativo á expulsão dos principes. Narrando essa entrevista escreveu para o *Times* uma correspondencia interessantissima, a que pertencem os trechos que vão lêr-se:

«Foi o conde de Haussonville, que estava de serviço ao principe, quem me levou para uma pequena sala do *rez-du-chaussée*, onde me pediu que esperasse. Poucos minutos depois entrou o conde de Paris.

Agradeci-lhe a fineza de me receber, e apressei-me a dizer-lhe que não vinha alli para o *interviewer*, mas simplesmente para lhe significar de viva voz a parte que tomo nas amarguras que o ameaçam.

— Oh! respondeu-me o conde, tanto n'estas circumstancias como em quaesquer outras, não preciso de pedir segredo a ninguem. Não careço de occultar que vos recebi, e não peço por isso que o não reveleis. Quando soube em Talavera que tinha sido apresentado na camara um projecto de lei de expulsão, não foi na minha pessoa que pensei, nem mesmo na minha familia, pensei no meu paiz, e senti-me invadido por uma enorme tristeza ao ver que, ao cabo de cem annos de luctas e de discordias, a era das proscripções ainda não estava fechada, e que ainda se veriam filhos da França errando sem asylo em terras estrangeiras!

— E para onde tencionaes ir, se, como supponho, a lei fôr votada, com respeito á vossa pessoa e ao duque de Orléans?

— Ainda não tomei uma decisão definitiva. No entretanto, estou seriamente inclinado a ir para Inglaterra. Tenho recebido d'esse paiz tantos e tão calorosos testemunhos de sympathia, recebo cartas tão captivantes, até de pessoas que não conheço, que me será muito difficil escolher, n'este momento, outro refugio. Não posso ir para a Allemanha; a Austra afastar-nos-hia muito da nossa querida França, e sei muito bem, por experiencias que não tive tempo de esquecer, que o foco da intelligencia se acha em Londres. Este facto leva-me imperiosamente para lá.

Pensei na Suissa, mas poderei lá ir mais tarde, porque não conto fixar-me definitivamente em parte nenhuma. Não estou resolvido nem a comprar nenhuma casa, nem a estabelecer-me definitivamente.

Outr'ora, durante o meu exilio, escolhi residencia fixa, porque não estava nas condições actuaes. Não era o chefe incontestavel da casa de França, e podia esperar, sem faltar ao meu dever, que os acontecimentos se decidissem. Hoje, não se dão as mesmas circumstancias, não renuncio de modo nenhum a tornar a ver o meu paiz; porque, ainda sob a sua fórma actual, não posso admittir que esta perseguição se perpetue e que a França não abra as suas portas a todos os seus filhos.

Eis o motivo por que não quero fixar-me d'uma maneira definitiva. Mudarei de logar, farei de conta que andamos viajando, e mudando de logar não mudaremos de esperança.

— E' verdade ter-vos dito um general, durante a recepção de 15 de maio: «Senhor, não tendes apenas soldados, tendes um exercito.»

— Nunca me disseram tal coisa. Afóra isso, apenas havia na minha recepção dois generaes reformados, e nenhum d'elles conversou commigo durante toda a noite; nenhum d'elles proferiu semelhante phrase. Fizeram propalar muitos boatos n'essa occasião, e buscaram-se muitos pretextos. Disseram-me que o chefe do gabinete tinha ficado formalisado por eu ter convidado os embaixadores. Eu não podia avisal-o d'isso; e isso deu aos meus convites um caracter de intenção politica, que elles não tinham. Não convidei o corpo diplomatico. Convidei para uma *soirée* as familias dos diplomatas com que tenho relações pessoaes.

Assim, por exemplo, conheço ha vinte e cinco annos lord Lyons, com o qual tenho tido as melhores relações. Teria commettido uma inconveniencia, e teria dado aos meus convites um caracter politico, se tivesse excluido lord Lyons por elle ser embaixador de Inglaterra.

Attribuiram-me tambem certos artigos de jornaes. E' demonstrar fraqueza de argumentos. Não conheci nem inspirei nenhum d'esses artigos, porque no caso d'isso ser verdade, teria dito aos seus auctores o que sempre disse aos meus amigos: «Não consintam que se transforme o caracter d'esta festa. E' um pae de familia que convida os seus amigos: esta reunião não tem outra idéa.»

— Como é provavel que seja acceite o projecto. segundo o qual vós e o duque de Orleans, sejam os unicos exilados, permittindo-se aos outros principes que fiquem d'um modo mais ou menos toleravel, esses principes seguir-vos-hão?

— Quanto a meu irmão, communiquei-lhe já o meu desejo formal de o ver ficar, visto que lhe assiste esse direito. Estimo que elle habite a França, onde eu não posso permanecer, e que habite o paiz d'onde me exilam. Já disse que não conto fixar-me definitivamente em nenhuma parte. Não posso impôr a meu irmão que venha commigo e de residir nos logares onde eu me estabelecerei, segundo as circumstancias, ou segundo as minhas preferencias. Será para mim uma consolação saber que elle está aqui, e conheço bastante a sua affeição por mim para não usar da minha auctoridade impondo-lhe que fique em França.

Tem-se fallado muito do duque de Aumale, e logo que elle soube a maneira como o excluiam do exilio, sentiu um verdadeiro pezar. Apressou-se em vir ver-me e annunciou-o por toda a parte.

E' a unica e a melhor fórma de responder a esta justificação da sua permanencia em França. Direi d'elle o que tenho dito do duque de Chartres. Não posso impôr-lhe peregrinações. Não tem, como eu, os deveres da situação excepcional em que esta lei me colloca; porque ella trata-me d'uma maneira tão excepcional e de tal modo distincta, que, se eu mesmo a tivesse adoptado, haveriam de imputar-m'a como um crime. Separando-me do resto da minha familia, qualificam-me mais ostensivamente do que eu nunca fiz, e se o meu orgulho ultrapassasse o meu amor do paiz, não poderia estar mais contente. Quanto aos outros principes, nunca fizeram obra politica, e limitavam-se a querer servir o seu paiz. E', pois, justo que os deixem fóra de todo o attentado, e seria extraordinario que eu me mostrasse para com elles mais exigente do que os nossos adversarios.

— Disseram-me que querieis esperar que voz expulsassem á força, e não ceder a uma simples ordem?

— E' preciso não me conhecer para affirmar tal coisa. Não conheço senão duas maneiras de proceder. Ha tres seculos, um principe, na mesma situação, teria matado aquelle que lhe levasse uma ordem semelhante e sairia para o campo com os seus companheiros para declarar a guerra civil. Isso, porém, não é do meu tempo, nem do meu caracter. Obedecerei á lei. Devo esse exemplo aos meus amigos, e devo-o aos meus adversarios. Devo-o ao meu paiz, ao qual se esforçam constantemente de inculcar o desprezo da lei. Partirei obedecendo á lei que me dictarem.

— Occulta o dia da sua partida?

— Não, de certo! a não ser que me prohibam de proceder de outro modo. Partirei de dia, e conheço bastante os meus amigos para estar certo que conservarão, á minha partida, a attitude recolhida que convém manter diante d'uma familia amiga, que parte para o exilio. Serei muito feliz de apertar as mãos que se estenderem para mim, mas não procurarei, á hora da partida, senão consolações de coração e não satisfações ruidosas.

Morte do rei da Baviera.—Acabou tragicamente o desventurado monarcha da Baviera. Segundo um telegramma da Havas que publicámos no n.º passado, o pobre rei cuja razão se entenebrecera, andando a passeiar na segunda feira no parque de Berg, precipitou-se n'um lago e morreu afogado. O medico que o acompanhava lançou-se immediatamente á agua, tentando salval-o, e foi victima da sua dedicação. Pelos telegrammas dos jornaes estrangeiros vê-se que foram os ministros da Baviera, de accordo com o principe Luitpoldo, tio do rei, que resolveram a deposição do monarcha. Tres altos funccionarios da côrte, o presidente do conselho e dois medicos alienistas tinham ido participar ao rei Luiz II que havia acabado o seu reinado e que seria substituido pelo principe Luitpoldo, com o titulo de regente. Conforme a constituição da Baviera, um conselho de familia nomeia o regente quando o rei tem qualquer impedimento para exercer as suas funcções. As camaras teem de confirmar depois essa nomeação. O estado mental do rei Luiz II justificava completamente a resolução tomada pelo ministerio. Havia muito tempo que o rei se recusava a fallar com os ministros; os negocios do estado eram tratados por intermedio do secretario do palacio, e ultimamente o rei nem queria ver o seu proprio secretario, o sr. de Zigler, e os papeis que tinham de receber a assignatura real eram entregues ao secretario pelo cabelleireiro do palacio.

Entretanto a mania de construir palacios sumptuosos que se apossara do rei, levava a grande desiquilibrio a lista civil. A loucura do rei tinha chegado nos ultimos tempos aos actos de maior extravagancia. Um dia mandou chamar pelo seu cabelleireiro um joven funccionario que morava perto do palacio e ordenou-lhe que formasse um novo ministerio. Em uma noite, depois de ter assistido a uma recita no theatro de Munich, depois de terminar o espectaculo, o rei deu ordem aos actores para que recomeçassem; um dos actores disse que não podia por estar muito fatigado; o rei mandou um soldado de cavallaria ligeira repetir a ordem e o actor repetiu a recusa. O soldado foi participar ao rei Luiz a resposta do actor, o monarcha deu-lhe com um copo cheio de agua na cara!

Encontrando um dia um gendarme cuja physionomia lhe agradou, o rei convidou-o para jantar e no fim fez-lhe presente de um... harmonium. Outra vez o rei convidou um soldado de cavallaria para jantar. Para solemnisar o anniversario natalicio d'este soldado, o rei vestiu o uniforme do corpo a que elle pertencia, fez um discurso para celebrar os merecimentos do seu hospede, deu-lhe plenos poderes como se fosse o proprio rei e offereceu-lhe por sua propria mão um ramo de flores.

A MULHER NA ANTIGA GRECIA

II

Referimos no final do nosso ultimo artigo a *hetaire*; é mister portanto agora que principiemos por mostrar qual ella foi e qual a influencia exercida por ella na sociedade atheniense.

A significação da palavra *hetaire* não é *cortezã* na acepção em que geralmente se costuma empregar este termo. Entre os antigos gregos, ella significava *companheira, boa amiga, amante* e qualificava-se geralmente assim a mulher que libertando-se da reclusão domestica a que estava condemnada, sahia do gyneceu para se entregar ao estudo da philosophia ou da litteratura.

Ao lado da esposa casta e fiel reinava com maximo brilhantismo a *hetaire*, por que esta gosava de todas as vantagens de que aquella era despojada. Tinha livre accesso a toda a parte, applicava-se aos mais sérios estudos e egualava-se aos homens, tanto pela vivacidade de seu espirito, como pela vastidão dos seus conhecimentos. Com taes predicados, não é para estranhar a preferencia que os athenienses de distincção concediam a estas mulheres sobre as suas esposas legitimas, e tanto mais quanto as relações intimas d'um marido com sua esposa eram, como vimos no artigo antecedente, demasiado frias; entre ambos não havia senão uma terna estima. O que dava prestigio a uma *hetaire* teria feito a vergonha d'uma mulher casada; e o que fazia a gloria d'esta seria o ridiculo d'aquella. Uma representava o prazer, a outra o dever; uma pertencia ao interior da casa, a outra ao exterior. As *hetaires* tinham portanto invenciveis vantagens sobre as mulheres casadas; concorriam aos jogos solemnes, exercicios militares e representações scenicas; eram as unicas que passeavam em carros, ornadas como se fossem rainhas, deslumbrantes de seda e de oiro, com o seio nú e a cabeça descoberta; eram ellas que formavam a *élite* nas sessões dos tribunaes, nas luctas oratorias, nas assembleias da Academia; applaudiam Phidias, Apelles, Praxitéle e Zeuxis depois de lhe haverem fornecido modelos inimitaveis; finalmente inspiravam Euripide e Sophoele, Alexandre, Aristophone e Eupolis, animando os a disputarem a gloria do theatro.

Para ser *hetaire* tinha-se primeiro que tudo de quebrar com o uso que condemnava a mulher a uma reclusão perpetua, era necessario tornar-se livre, mas esta liberdade só se obtinha com o detrimento da propria reputação; a intimidade das familias ficava-lhe perdida para sempre. Em Athenas era só depois de se haverem libertado do gyneceu que as mulheres podiam frequentar a Academia, o Lyceu e as demais escolas em que se ensinavam as sciencias e as letras; era portanto necessario fazer-se *hetaire* para gosarem do privilegio de desenvolver e cultivar a sua intelligencia.

As prevenções sociaes que existiam para com as *hetaires*, em grande parte não tinham razão de ser. E com effeito, porque se uma mulher se sente com talento e quer instruir-se com as lições dos grandes mestres, o despotismo do homem oppõe-se; porque se ella quer cultivar seu espirito e tornar os seus encantos mais seductores, aquelle mesmo despotismo oppõe-se ainda e prohibe-lh'o sob pena de manchar a sua reputação. Então, muito naturalmente, a mulher que tinha a consciencia do seu valor phisico e moral, revoltava-se contra este abuso da força, e não encontrando senão um meio legal para se libertar d'elle, aproveita-o e declara-se mulher livre.

Esta mesma mulher foi mais tarde accusada e infamada, recusando-se-lhe os direitos de esposa, mas grandes homens houve que despresaram tal preconceito e desposaram *hetaires*.

As habitações das *hetaires*, artisticamente mobiladas, eram o ponto de reunião do que havia de mais notavel em Athenas; concorriam alli os artistas, os poetas, os oradores e os philosophos, que iam partilhar com ellas mais arte, litteratura e politica do que amor, de forma que se ellas por um lado influiram d'uma maneira desagradavel sobre os costumes, por outro contribuiram muito para o movimento intellectual e artistico do seu tempo.

Foi no tempo de Pricles e pelo exemplo dado por elle, que os athenienses se apaixonaram loucamente por estas sereias, e pode-se mesmo dizer, que n'esta epoca não houve outras mulheres na Grecia; as virgens e as matronas occultavam-se como envergonhadas no interior do gyneceu, em quanto que as *hetaires* se apossavam completamente do theatro e da praça publica.

As *hetaires* mais celebres, taes como Aspasia, Lais, Lasthenie, Phryné, Tais e muitas outras, juntavam aos dons da natureza tudo o que a arte de agradar póde pôr em pratica para attrahir os homens, captival-os, seduzil-os. Notaveis pelos seus talentos e seus variados conhecimentos, estas mulheres não se vendiam á riqueza, como geralmente se acredita; escolhiam o homem que lhes agradava e viviam, como dissemos acima, maritalmente com elle, por isso entre a *hetaire* grega e a moderna cortezã, a distancia é enorme.

Até aqui temos-nos referido á *hetaire letrada* ou philosopha, isto é, ás mulheres livres d'Athenas, cujo desejo era instruirem-se, que, preferiam a vida livre á vida obscura do lar, que se não vendiam e que viviam maritalmente com um homem a quem se affeiçoavam. Mas além d'estas havia as *hetaires* que pela sua belleza e pelos seus encantos ou espirito, se tornavam as favoritas dos ricos e poderosos.

A esposa legitima não tinha só como rival a *hetaire*, tinha tambem a concubina, e esta estava junto d'ella a disputar-lhe o amor do marido, pois o atheniense, como diz Demosthenes, tinha cortezãs para o prazer, *concubinas para o cuidado diario das pessoas*, e uma esposa para que lhe dê filhos e cuide do lar.» Como se isto ainda não fosse bastante para a oprimir, o marido podia repudial-a sob o mais insignificante pretexto. Para se separar d'ella o marido não tinha mais que entregar-lhe o seu dote e mandar-lhe uma acta com os motivos do divorcio. Aos tutores da mulher era permittido, é verdade, o direito de intentar uma acção judicial contra o homem que por futil motivo tinha repudiado a sua companheira e submetter ao archante o auto de repulio, mas esta disposição da lei era verdadeiramente irrisoria, pois na verdade a esposa não devia ter muita satisfação em voltar para a casa d'onde tão injustamente havia sido expulsa. A' esposa tambem era permittido o requerer o divorcio, mas este pedido além de ser sempre humilhante para ella, tinha immensas difficuldades a vencer, e a maior de todas era a de ter de ir pessoalmente perante o archante apresentar uma memoria contendo a exposição das suas queixas. Tendo de arrostar contra o preconceito de não dever sahir de casa e tendo de patentear a olhos estranhos, as feridas do seu coração e as do seu amor proprio, elle preferia muitas vezes ficar soffrendo no seu lar. Além d'isto, tambem havia uma circumstancia *importantissima, que obrigava a mulher* a não pedir o divorcio, e era a dos filhos ficarem sempre em poder do pae, fosse qual fosse o conjuge que o tivesse requerido. Alguns querem que a comparencia da mulher perante o archante, era para dar occasião ao marido para se reconciliar com ella, e como fundamento, citam o facto de Alcebiades, o mais inconstante dos maridos athenienses, ter tomado nos braços sua esposa Hypparéte, quando ella se apresentou a requerer o divorcio, leval-a para casa, no meio dos aplausos da multidão que enchia o ágora. Em quanto a nós, este facto nada mais

Folhetim

O ANJO DE ADELINA

(A Costa Brizida)

A amenidade d'uma poetica manhã de primavera annunciava-a o mavioso trinado dos passarinhos que, orgulhosos, saltitavam de ramusculo em ramusculo por entre a ramaria do vicejante arvoredo, que imprimia vistosas impressões á retina espelhando-se no mixto de multicores florinhas e verdejante folhagem pouco rociadas pelos scintillantes raios do sol, que mal vinha de erguer-se d'entre os penhascos do Oriente; e a enlevadora limpidez etherea d'um céo sem nuvens, desenhando-se ao de lá do puro crystallino das aguas mortas.

Alberto, um esbelto rapaz das suas vinte e duas primaveras, sentado n'um banco dos passeios da Cordoaria, dava amplo curso ás expansões do pensamento, que se recreava, exultando a mão creadora, que tão harmonicamente interpretára a combinação de bellezas naturaes—alma do poeta, manancial do amor.

Surprehendera-o na requesta d'esta como que magia uma joven tão formosa e bella, quanto trajava modestamente, com simplicidade, que passava.

Os primeiros olhares foram de revez, em quanto uma fuzilaria de lampejos, dardejados pelos cyclopes cupideneos, não lhe transluziu na alma, impressionando-o vivamente, como que inebriado por uma força magnetica, aquella seductora rapariguinha que lhe parecia ataviada dos encantos d'uma madona.

Alberto, que nunca amára, pode dizer-se, traçara a vereda d'uma vida de poematicos idylios. Uma força sobrenatural obrigou-o a seguir Adelina, assim se chamava a namorada de Alberto, até que a viu entrar em casa d'uma modista. Presumiu logo que era costureira, uma d'essas mariposes de que o Porto se jacta de possuir e que constantemente ahi se vêem borboletear.

Adivinhara com effeito. Tractava-se d'uma invejavel costureirinha orphã de pae, imagem da honestidade, symbolo da continencia, grangeando com a lida quotidiana os meios de subsistencia para si e sua desvelada mãe.

Jámais se lhe apagou da tela do pensamento a imagem de Adelina e alastrou-se-lhe de tal fórma a ideia, que concluiu por captivar um vivo affecto—amava-a emfim, todavia sem dar-lhe uma prova porque se fizesse galantear egualmente.

Todas as manhãs, á hora do primeiro encontro, a quem alli passasse, realçava a presença de Alberto em tom de quem acata alguem, ora sentado, ora passeando, até que avistasse a deidade de seus anhelos. Enxergando-a, simulava qualquer attractivo, dando-lhe tempo a que lhe tomasse a dianteira, seguindo-a depois até que o ninho de fadas da modista lh'a sonegasse.

Assim saciava Alberto as saudades que um espontaneo amor, talvez coado por uma inspiração celeste, lhe trouxe ao coração até então gelido ao idealismo. Quebrar aquelle silencio estorvava-lh'o a singelesa d'um amor bucolico.

Todos os dias era a Cordoaria objecto d'estes romanescos amores.

Ha alguns mezes alli ia este inconsolavel amante mitigar os requebros d'um já frenetico amor, tornando-se-lhe dolorosa a vida por não comprehender se o coração de Adelina algum dia pulsara por elle.

Principiou a faltar-lhe aquella entrevista apesar de ser um perfeito chronometro. Elle que, com o simples relancear d'olhos, ahi ia depor as ardencias d'um intrinseco affecto, que lhe inundava o amago, aos pés d'aquelle encantador cherubim, sentiu o pesar torturar-lhe a alma—começava a espargir-se o fel gotta a gotta no doirado calix do amor.

Depois de mil cogitações ficticias, moduladas para desculpar a ausencia de Adelina, deliberon ir a casa da modista saber o rumo que levára. Ahi soube que lhe minava a existencia uma terrivel doença e a choça onde vivia. Impellido por aquelle ardor «com que se ama uma só vez na vida», correu a saber o estado physico da sua adorada e informara-o uma visinha, depois de ter tecido os mais encomiasticos elogios á sua exemplar conducta, que Adelina, além de gravemente doente, luctava contra as agruras da miseria.

O coração de Alberto, vergado tanto pelo amor como pelos seus dotes de magnanimidade, incitou-o a mandar-lhe diariamente um frugal obolosinho, e a ordenar que um medico lhe fizesse as visitas necessarias, mas occultamente para não denunciar o recanto do vivo interesse por uma infausta pupilla que jazia n'uma lugubre enxerga.

Bem investigou a mãe de Adelina a benefica mão que garbosamente as soccorria. porém, estorvavam-n'a laivos de mysterio.

Portemo-nos á occasião do restabelecimento de Adelina. A ultima vez que o mysterioso mensageiro entregou o donativo, foi Adelina, já em franca convalescença, quem o recebeu, e, demonstrando o manifesto do seu penhor, disse-lhe que no dia immediato continuaria na habitual faina de costureira.

Alberto, ao receber esta, para elle, feliz nova, já cheio de amar em segredo, sentiu necessidade de dar livre curso aos arcanos do coração. Resolveu escrever-lhe uma carta do seguinte theor:—«Minha amada: Impossivel, impossibilissimo calar por mais tempo em meu peito, dentro do qual pulsa um coração por vós, uma sincera confissão em que viso a minha felicidade. Na Cordoaria, n'aquelle logar fadado de amores d'onde tantas vezes vos tinha visto passar, formosa de quem me fiz anjo, espero dever-vos a attenção»—que mandou entregar-lhe a occultas da mãe.

Adelina, finda a leitura da carta, sentiu-se inebriada por um certo bem estar—advinhára a quem devia vida, pois a carta era de quem a visinha lhe dissera que a procurara.

Aquella carta e um sonho enigmatico, que tivera a noite passada, deixavam-n'a esthetica. Sonhora que um vulto de mulher, por nome Felicidade, entrára n'uma humilde choupana, habitada por uma rapariguinha e sua mãe de companhia com uma rabugenta carcassa chamada Miseria, que lhe roubára a harmonia domestica e haveres, e que, arrogante, expulsára a damninha velha, prohibindo-lhe atravessar o limiar da porta.

A sua sina em visão.

No dia seguinte, Adelina, com o sorriso nos labios e lagrimas de ternura humedecendo-lhe o puro crystalino de seus fascinantes olhos, dirigiu-se para o logar indicado na carta, onde, anciado, a esperava Alberto. Uma vez ahi, trocados os primeiros olhares...

Um beijo pactuou estes dois seres que formaram a estampa mais bem colorida, mais emblematica do amor.

Um anno depois unia-os o sagrado élo do hymneu, adorando uma tenra criancinha fructo d'esta abençoada união.

Junho de 1886.

C. Guimarães.

prova senão que o divorcio estava mais á disposição do marido do que ao da esposa.

Se os esposos se queriam divorciar amigavelmente, o seu consentimento mutuo era sufficiente para romper o laço conjugal. Divorciados, o homem e a mulher podiam contrahir novas allianças, e n'esta parte, a mulher divorciada era bem mais feliz do que a mulher viuva. porque esta, se se casava, incorria no despreso publico e era excluida das ceremonias religiosas.

A faculdade do homem poder ter além da esposa uma concubina, fez dizer a M. Gide (na sua obra sobre a condição civil da mulher), que «o casamento na Grecia era uma monogamia muito imperfeita e assemelhando-se muito á poligamia oriental, que permittia ter muitas esposas, mas que só admittia uma legitima. A unica differença entre a monogamia grega e a poligamia oriental consistia apenas n'isto; na Asia os filhos da concubina são membros da familia segundo a lei; em Athenas elles não podem entrar n'ella se não pelo beneficio da legitimação, que alliás depende inteiramente da vontade do pae.»

MARQUES GOMES.

A EXPULSÃO DOS PRINCIPES

Pertence ao nosso collega do *Jornal do Commercio* o artigo que segue:

A questão da expulsão dos principes já hoje não offerece o mesmo interesse e curiosidade que até aqui, visto que já se sabe qual será o resultado final. A curiosidade, que offerecia a discussão da expulsão na camara franceza, tinha tres aspectos: 1.°, qual seria a força de resistencia dos principes, ajudados pela opinião; 2.°, qual a força da aggressão dos radicaes, e, 3.°, qual seria a defeza do gabinete, que n'este momento representa a força effectiva da instituição republicana. Os dados conhecidos bastam para apreciar de quem foi o triumpho.

Os principes em todo o caso serão expulsos, se o senado votar a lei, sem que por emquanto seja acompanhado o seu ostracismo senão pelas sympatias passivas dos seus partidarios, cujo numero e cujo influxo não se podem aquilatar bem, emquanto uma demonstração de força, ou um voto nos comicios, não determinar que os seus nomes, ou o de alguns d'elles, figure á frente na corrente da opinião.

Os radicaes tambem não sairam victoriosos na sua tentativa. Nem ao menos a expulsão total lhes foi concedida. Na parte em que finalmente vencem, ha da parte do governo uma concessão, mediante a qual uma critica sensata deduz que as coisas continuam no estado em que se achavam, sem ganhar um palmo, de terreno a opposição radical, nem perder o governo, apoiado nas forças conservadoras, que são o seu sustentaculo.

Que tempo durará a nova situação, creada depois d'esta escaramuça, de que os principes são as victimas? E' este o problema que difficilmente se decifra na enorme diversidade de manifestações, com que revelam as suas intrigas caseiras os sustentaculos do regimen republicano em França. Todavia, é licito suppôr que os conservadores da republica franceza estão sob uma ameaça constante com a tenaz e habil estrategia dos seus adversarios.

Os incidentes que se deram na camara franceza, por causa da discussão, são curiosos, e por isso vamos descrever alguns.

A multidão occupou as immediações da camara, chegando até á praça da Concordia; e assaltava as entradas defendidas pela policia. Dentro do palacio Bourbon era difficil o accesso ás tribunas, pela muita concorrencia. Os corredores, a sala dos passos perdidos e a sala de sessão, estavam cheias de politicos, de diplomatas e de jornalistas, discutindo e fazendo calculos sobre o resultado do debate e da votação que se preparava. O sr. Maret iniciou o debate com um discurso contra a expulsão, dizendo que a republica não está em perigo «A expulsão, disse, é, imprudente; bastaria excluir os principes dos cargos publicos, e submettel-os a direito e á lei commum.»

Depois, no meio de grandes e repetidas interrupções, desenvolveu a theoria habilissima de que o criterio e o procedimento dos republicanos moderados, que hoje propõem e defendem a expulsão dos principes, justifica as tyranias e as arbitrariedades de que se tornam culpaveis as esquerdas, e que irão cada dia em progresso crescente.

Em seguida quiz fallar o sr. Michou, mas a camara estava impaciente, desejosa de ouvir o chefe do governo, e foi impossivel ouvir uma só palavra d'este orador.

As chamadas á ordem e os protestos do sr. Floquet, presidente da camara, foram desattendidos.

O tumulto crescia. As invectivas contra o orador e as discussões em voz alta generalisaram-se.

O sr. Michou continuava, não obstante fallando impassivel, combatendo a idéa da expulsão, embora não conseguisse ser ouvido. Finalmente, rendido pela fadiga o desesperado por não ser attendido abandonou a tribuna.

O tumulto acalmou, como por encanto, ao subir á tribuna o sr. de Freycinet.

O chefe do gabinete começou por fallar em voz um pouco baixa, e as suas palavras foram para assumir a responsabilidade das medidas propostas.

«Quem póde, disse, negar á republica o direito supremo de defeza? Pois é esse o direito inviolavel que tratamos de exercer contra os representantes das dynastias que reinaram. Nenhum governo póde tolerar a existencia de outro governo no seu mesmo paiz e em frente de si.»

O sr. de Freycinet explicou, depois, que as mortes do principe imperial e do conde de Chambord tinham augmentado a cohesão dos partidos monarchicos, reconcentrando as suas forças nas mãos de homens resolutos e de acção, e de pretendentes activos, fazendo desapparecer as rivalidades que separavam os orleanistas dos legitimistas puros. Isto, na opinião do chefe do governo, fez em pouco tempo variar muito as circumstancias, vendo-se a republica na necessidade de defender-se.

Fez a historia do desenvolvimento da acção monarchica em França e disse:

«Os principes principiaram obrigando a republica a derogar, com relação a elles, as leis do direito commum. Foi depois preciso excluil-os do senado e do exercito, e conserval-os constantemente em situação excepcional. A republica tinha-os feito voltar a França, mostrando n'este acto respeito pelas liberdades; mas os principes não respeitaram a hospitalidade que se lhes dava e teem abusado das liberdades, sob cujo influxo viviam.

«O meu voto não póde ser suspeito n'esta materia.

«Oppuz-me resolutamente ha bem poucos mezes e atravez de grandes difficuldades, á expulsão dos principes, medida que me parecia exagerada, por não ser bastante merecida. Mas, hoje sou eu quem reclamo aquella proscripção a que me oppuz a 4 de março. E reclamo-a, porque entendo que os principes para conspirar devem estar ausentes de França.

«A recepção do conde de Paris collocou o corpo diplomatico estrangeiro acreditado junto da republica n'uma situação embaraçosa, porque aquelles representantes tiveram que luctar entre assistir á recepção, que era no fim de contas a de um pretendente, ou deixar de assistir, molestando com a recusa uma pessoa aparentada com familias reinantes.

«A republica não póde apparecer, nem dentro, nem fóra de França, em lucta com um pretendente.

«Evitemos, portanto, tal descredito, cortemos pela raiz essa enfermidade moral.»

O discurso do sr. de Freycinet foi interrompido com frequencia pelas direitas, mas tanto no decurso da sua oração, como ao retirar-se da tribuna, a maioria saudou-o com applausos.

Embora o sr. Jolibois lhe respondesse n'um discurso pouco habil, a camara não lhe prestou grande attenção, pedindo a conclusão do debate e a votação immediata.

Embora já tivessemos dito, repetimos os resultados das votações.

O parecor da commissão foi rejeitado por 314 votos contra 220.

Foi approvado por 315 votos contra 232 o artigo primeiro ds contra-projecto Brousse, relativo á expulsão dos descendentes directos e seus filhos primogenitos, e por 324 contra 235, o artigo segundo do mesmo contra-projecto, que determina a expulsão facultativa dos outros principes, e os restantes artigos estabelecendo penalidades aos contraventores da lei de expulsão.

Contra estas votações e contra a lei que acabava de votar se promoveu á ultima hora o bonapartista Cuneo de Ornany, um grande tumulto, no meio do qual se levantou a sessão pelas dez horas da noite.

Um telegramma de Paris para o *Imparcial*, de Madrid, diz que a opinião se mostra bastante agitada, por causa da questão dos principes, e se as coisas continuam avançando no mesmo caminho, são para receiar excitações e conflictos, que poderão tomar verdadeira gravidade.

Os monarchicos aceitaram a guerra e mostram-se muito provocadores. Os republicanos tambem estão irritadissimos.

O governo está resolvido a accelerar a discussão da lei de expulsão no senado, para retirar quanto antes este assumpto da téla da discussão, receiando que se converta n'uma grave questão de ordem publica, se os animos continuarem axcitados.

Outro telegramma da Paris diz que a questão da expulsão está destinada a ter maior importancia no senado, onde é muito duvidoso que obtenha maioria o projecto votado pela camara, porque ninguem ignora que as esquerdas do senado, como os senadores que se inspiram no palacio do Elyseu. são opposição ao contra-projecto Brousse, parecendo-lhes mais do que sufficiente o projecto do governo.

Em vista d'isto suppõe-se que, se a camara dos deputados modificou o projecto do governo, restabelecel-o-ha o governo, nascendo portanto um conflicto parlamentar, de difficil solução, não havendo em França o systema das commissões mixtas.

— E' ainda do *Imparcial* que extrahimos o seguinte telegramma:

«O conde de Paris variou completamente de attitude, desde o momento em que conheceu a solução da camara.

De impassivel e até por vezes conciliador que se mostrava, apresenta-se agora provocador e irritado.

Disse hoje que «cumpriria os deveres que lhe impõe a chefia da casa de França. E aos seus amigos accrescentou «que a republica não podia commetter maior insensatez do que a que manifestou no decreto da expulsão, e que este é o passo mais decisivo para a monarchia.»

O principe Napoleão não se curou das suas velleidades democraticas, apezar da expulsão. Declarou hoje «que brevemente regressará a França para entregar ao povo os seus direitos e salvar a republica.»

— Todos os jornaes são unanimes em reconhecer a importancia e habilidade extraordinaria do discurso pronunciado pelo sr. de Freycinet.

Julgando o debate e a votação na camara, o *Temps* considera que a republica entrou no caminho de uma nova politica de caracter repressivo contra os dois inimigos das instituições: monarchicos e anarchistas.

O *Journal des Débats*, não obstante o seu republicanismo, ataca energicamente o sr. de Freycinet e qualifica de *criante injustice* e *forte grossière* a decisão da camara, expulsando os principes.

A *Justice*, jornal do sr. Clémenceau, considera o discurso do sr. de Freycinet, como a victoria do radicalismo, e diz que o ministerio adoptou o seu programma.

La Paix, orgão do sr. Grévy, diz que o resultado da votação mostra que o governo possue a confiança da camara e do paiz. Accrescenta que o acto praticado pela camara, augmenta a auctoridade e o prestigio da republica.

O *Radical* suppõe que a solução na questão dos principes é apenas provisoria, e que não tardará que se tomem contra elles mais completas e rigorosas medidas.

A *République Française*, orgão dos opportunistas, pede que a obra começada agora se continue, combatendo-se com tanta energia os anarchistas como os monarchicos.

O *Rappel* quer que se complete a campanha contra os principes e contra os monarchicos, promulgando leis que cortem pela raiz a propaganda que fazem os monarchicos, por meio da distribuição e venda de folhetos e estampas nos districtos ruraes, da imprensa e das *soirées* politicas.

A imprensa monarchica mostra-se exaltadissima, e todas as violencias lhe parecem poucas, para concitar os animos contra o governo, a camara e a republica.

O *Figaro* publica um protesto assignado por todos os seus redactores, contra a decisão da camara.

O *Gaulois* diz que começou a obra da iniquidade e da cegueira.

A *Auctorité*, jornal de Paulo de Cassagnac, dirige insultos a quantos pediram a expulsão, e aconselha os principes, a que saiam todos, não ficando na França nem um só individuo pertencentes ás familias que occuparam o throno.

O *Soleil* diz que o discurso do sr. de Freycinet equivale a proclamar rei o conde de Paris.»

O FIM DE UMA RAÇA

Quer ser o ultimo da sua raça, esse estranho rei da Baviera, que acabam de encerrar n'um quarto para que a medicina tome conta da sua loucura, e que se vivesse mais alguns mezes em liberdade, talvez viesse para a rua, estendendo a mão a cada um que passasse,—pois que os credores o deixariam reduzido á mendicidade...

Esse homem atravessa a vida como um d'esses paladinos dos velhos tempos, que asphyxiavam o coração sob a triplice armadura de reluzente aço, desviando a cabeça quando as mulheres passavam, e andando sempre por caminhos isolados, sem jámais violar o seu eterno e funebre voto de castidade.

Seria a nostalgica recordação de amores desprezados, de vozes queridas que se extinguiram?

Seria o horror instinctivo da mulher, da inimiga dominadora que nos escravisou ao seu jugo, prendendo com as mãos frageis todos os nervos do nosso corpo?

Seria ainda a morna philosophia de Matheus que o preservou das tentações, que matou a virilidade n'aquelle corpo meio desequilibrado?

Porque mysterio de hereditariedade, o neto do devasso que Lola Montés arrastava preso á cauda do vestido e flagellava com a ponta do seu chicotinho de amazona, se faria vermelho ao contacto da mão de uma mulher, recusando obstinadamente o casamento, ou quebrar o silencio tristissimo da sua alcova com os risos crystallinos de uma amante?

Quando subiu ao throno,—bello como esses loiros reis que pululam nas comedias phantasticas de Shakespeare,— os seus ministros conseguiram, depois de mil estratagemas, habilidades e intrigas palacianas, que o joven coroado consentisse em noivar com uma archi-duqueza d'Austria.

Deixou-os escrever, agitar-se, expedir correios, notas, embaixadores,—mas pôz como condições que cem donzellas casariam no mesmo dia que elle. Agradava-lhe succumbir no meio d'um cento de véus brancos e de egual quantidade de grinaldas de flôres de larangeira, de ouvir o ecco longiquo, como um còro d'amor, o queixume brando, lento e feliz de todas essas virgindades brutalmente conquistadas.

E no dia seguinte, passeiando na sua gondola puxada por cysnes, esqueceu o capricho e de novo se entregou ao spleen que o devorou como um cancro incuravel.

Decorreram semanas, passaram mezes.

A archiduqueza, offendida, dilacerou em mil pedacinhos as cartas que a burlavam.

Os ministros desesperaram.

E os cem pares de noivos esperavam sempre pela solemnidade nupcial. Emfim, resolveu-se advertir o rei que era indispensavel dar contra ordem e declarar que a festa não se realisaria, pois que semelhante cortejo divertiría a cidade como uma procissão burlesca, com a sua cauda de amas e de mulheres deformadas.

— Pois bem! que as casem, exclamou o rei, encolhendo os hombros, e não me fallem mais n'essa ridicula historia. Apraz-me ficar solteiro.

Que destino o d'esta altiva e forte familia dos Wittelsbach, cujos burgos inconquistaveis se erguem aos quatro angulos da Baviera, como sentinellas ferozes!

Dos dois irmãos que deviam sustentar com os seus pulsos vigorosos o brazão real, que se esfarella sob as mordeduras dos seculos,—um brinca com a coròa e serve de thema para o riso do seu povo arruinado pelas mais extravagantes phantasias; apaixonou-se pelos palcos e, emquanto se divertia a copiar o *Rei-Sol*, a construir palacios e theatros, não via a teia d'aranha allemã apertando-se de dia para dia, envolvendo-o, asphixiando-o nas suas malhas como uma pobre e misera mosca...

O outro está doido e vegeta nos immensos aposentos do castello de Nyphemburgo.

Foi a batalha de Langensalza (que alargou a fenda d'aquelle cerebro já amollecido.

O acre odor da polvora e do sangue embriagou-o como um copo de pessima aguardente. Viram-o levantar-se nos estribos do seu corcel, estender os braços na direcção dos canhões que riscavam os espaços com os seus traços de poeira abrasada, e estorcer as mãos como se quizesse sustar as granadas no meio das suas terriveis parabolas.

E, em quanto as fileiras dos regimentos abatiam como espigas sob a foice dos trabalhadores dos campos, e os clarins soavam doida e estrepitosamente dando o signal da retirada, o principe Otto, com um gesto tragico, que parecia devolver ao inimigo os seus projectis homicidas, insultava nos seus furiosos clamores as massas negras e compactas que avançavam a marche marche...

Entretanto, o desventurado imagina agora que alguma Circe o transformou em leão, e que o engaiolaram na jaula como um animal ferocissimo.

Ruge, salta, recua, crava as unhas, morde e desfigura os enfermeiros.

Por vezes, não sabendo como despertar do torpor que o absorve, sacudir o fastio que o atormenta e idiotisa, o rei Luiz encerrava-se com o irmão doido.

E durante horas inteiras, até que se cançassem, se extenuassem de cançaso, brincavam juntos, rebolando nos tapetes densos, galgando um por sobre o outro, empoleirando-se nos moveis, partindo-os depois, enchendo o ambiente do castello com os seus gritos agudissimos, teimando em assemelhar-se aos reis dos animaes,—elles, que não podem ser reis dos homens!

Doido! desthronado! encerrado n'um quarto,—a estas horas talvez subjugado pelo collete de forças... Eis até onde desceu o soberano bohemio que prendia os diamantes da corôa nos hombros e nos seios das actrizes que iam cantar-lhe as suas dilectas operas de Wagner; que se evadia de um para outro momento, fugindo do seu reino como um preso do carcere, e entrando burguezmente em Paris, onde passava a noite n'um theatro qualquer, nos mais modestos logares de plateia,—ao passo que, quando tornava ao seu paiz e saia de noite, fazia-se acompanhar por innumeraveis creados com archotes, para o guardar durante o caminho e expulsar toda a gente que se encontrasse no seu trajecto!

Pobre fantoche coroado, que cantava com Wagner o *Crepusculo dos Deuses*, em trage de guerreiro scandinavo,—quando o seu primeiro ministro, violando a prohibição, lhe apresentou o ultimatum do chanceller de ferro, ordenando-lhe que entrasse em armas contra a França ou abdicasse,—ao que lhe respondeu agastado e indifferente:

— Assigno o que quizer, occupo-me de musica e enjoam-me todas essas ridiculas questiunculas!

O ministro retirava-se, e Wagner dizia-lhe:

— Sire, agora a transicção é para *mi* menor...

Com effeito, foi bom libertal-o da corôa, esse fardo que o embaraçava como uma grilheta ao pé do condemnado, exilar esse sonhador para um palacio no campo, sob o ceu azul e sereno, de onde se disfructem horisontes pittorescos, onde pense que está cercado de artistas, como esses opulentos senhores venezianos, que chamavam o Veronoso para os immortalisar na téla... onde alguma velha ama-o embalará, á noite, na quiétação argentaa do luar, n'essas noites em que o ceu está crivado de flores luminosas, de marguerites e jasmins sideraes,—ou lhe permitta executar no violino as fugitivas recordações do *Annel dos Niebelungen* com os olhos fitos nas estrellas, e na solidão d'um terraço fechado n'um circulo de magnolias floridas...

Sim, talvez fosse um bem desvial-o d'esses adiposos ministros, d'esses caturras philosophicos, d'esses amadores de cerveja, d'esses glutões de salchichas, d'esses pesados soldados bavaros, que incendiaram as casas de Bazeilles, fusilaram mulheres, violaram donzellae e ensoparam no sangue dos francezes vencidos, os seus bellos nuiformes d'azul claro!

RENÉ MAIZEROY.

Sciencias

ABRIGOS NATURAES E ARTIFICIAES PARA PLANTAS

Os horticultores e amadores de plantas conhecem perfeitamente as difficuldades que experimentam e os prejuizos que soffrem com a destruição de innumeras plantas, por causa dos rigorosos frios e gêlos.

Muitos amadores, que prestam constantemente assiduos cuidados ás suas plantas, soffrem muitas vezes desgostos, por vêrem estas destruidas apenas pelo effeito d'uma noute de gélo ou de poucos dias de frigidissimo nordeste. Só sabem avaliar quanto isto penalisa, todos aquelles que prestam verdadeiro e sincero culto a Flora.

Para obviar a estes prejuizos, é necessario não só ter pratica da cultura das plantas, mas tambem perfeito conhecimento do clima e exposição em que está collocado o jardim.

Tendo nós ha muitos annos dedicado ás plantas ornamentaes todas as attenções e cuidados, é por esta razão que a experiencia e pratica constante nos tem ensinado a obstar á destruição e prejuizos que as plantas soffrem com os ventos glaciaes e gêlos dos nossos rigorosos invernos.

Muito util será ao amador de plantas saber se estas procedem de regiões quentes, temperadas ou frias, porque, conhecendo a sua procedencia, decerto sabe como as deve cultivar e os cuidados que com ellas deve ter.

Não nos propômos fazer uma indicação circumstanciada de todas as plantas —hoje em grande numero introduzidas e cultivadas nos nossos jardins—que os gêlos e frios prejudicam, e muitas vezes causam a sua destruição: limitar-nos-hemos apenas a fazer algumas breves observações sobre os abrigos naturaes e artificiaes para proteger as plantas no inverno, e aos amadores menos experientes n'este assumpto indicaremos algumas plantas, que por experiencia propria conhecemos, e que mais soffrem com os gêlos e frios.

Nos jardins com exposição ao norte só devem cultivar-se em plena terra plantas que não temam os frios, porque esta exposição no inverno é flagellada pelos ventos glaciaes e gêlos. A exposição ao sul é mais benigna, e aqui mesmo as plantas em plena terra soffrem muito menos com os rigores da estação invernosa.

Se o jardim tiver exposição ao norte, n'esse caso o amador deve ter todo o cuidado com a collocação e cultura das suas plantas, porque mesmo nos jardins n'estas condições póde haver abrigos naturaes e construir-se artificialmente os que forem precisos para resguardar as plantas.

Nos muros ou paredes em linha recta, do nascente ao poente, a face exposta ao sul é um optimo abrigo natural, muito especialmente quando forem revestidos de *Heras*, *Loureiros* ou trepadeiras que não percam a folhagem no inverno, e n'este numero tambem devemos incluir as plantas de folhagem coriacea e persistente, como as *Camelias* e outras, que nos servem de abrigo, quando a sua coma ou ramaria fica a pouca altura do nivel do solo.

Junto dos muros n'estas condições devem plantar-se as trepadeiras e outras plantas que mais soffrem com os gêlos, como são o *Heliotropium Peruvianum*, *Abutilon Thompsoni*, *Mandevillea suaveolens*, *Passiflora edulis*, *Tacsonia ignea* e *T. mollissima*, *Bugainvillea*, *Pharbitis Leari* e outras muitas. Sob as *Camellias* e outras plantas identicas podem abrigar-se todos os vasos que tiverem plantas que os gêlos e frios prejudicam, como as *Fuchsias*, *Pelargoniums zonaes* e *inquinans*, e outras de pequeno porte, devendo os vasos ser mettidos na terra, de modo que apenas fique de fóra a quarta parte da sua altura, porque assim collocados não actua tanto o frio sobre as raizes das plantas.

São muitos os abrigos artificiaes que podem ser construidos para livrar dos gêlos as plantas que soffrem com os rigores da estação invernal.

Em primeiro logar, temos as estufas quentes, temperadas ou frias (sem calor artificial); mas como as indicações para a construcção d'estes abrigos são assumptos de mais largas considerações, limitar-nos-hemos a tractar dos abrigos mais faceis de construir e menos dispendiosos.

Se o amador tiver na sua habitação uma varanda coberta e com exposição ao sul, ainda mesmo que não seja envidraçada, tem um excellente abrigo para collocar as plantas em vasos no inverno.

No caso que não possua varanda n'estas condições, deve mandar construir um abrigo junto d'um muro ou parede, o qual deve ser feito de madeira e coberto de telha, ou, melhor, de palha ou colmo, ficando o telhado com bastante inclinação, para facilitar o escoamento das aguas. A frente deve ficar aberta para o sul, bem como os lados ao nascente e poente, para que o sol possa penetrar por estas aberturas, e beneficiar com a sua luz e calor as plantas depositadas n'este abrigo.

Estes abrigos só servem para as plantas collocadas em vasos ou em caixas de madeira; mas como nos nossos jardins temos muitas plantas em plena terra, as quaes os gêlos e frios prejudicam, sendo preciso abrigal-as, diremos o systema que temos seguido, e de que temos obtido excellentes resultados.

Quando principiamos a cultivar plantas no nosso jardim, tivemos não só grande prejuizo, mas tambem bastantes dissabores, porque muitas plantas em plena terra, e mesmo em vasos, eram destruidas pelos rigorosos frios e gêlos.

O estudo e a experiencia ensinaram-nos quaes as plantas que necessitavam de abrigos para resistirem e atravessarem incolumes o inverno, e para ellas mandamos construir pequenos cobertos de palha, de fórma que ficavam completamente vedadas á acção dos gêlos. Estes abrigos, porém, não nos deram bom resultado, porque as prolongadas chuva se ventos muitas vezes fortissimos, os destruiam quasi sempre.

Actualmente, para as plantas collocadas em plena terra, usamos um systema de abrigos, que nos tem dado excellentes resultado, e que é o seguinte:

Em novembro, ou quando o frio principia a sentir-se, mandamos cravar, e[m] volta das plantas que precisam de abrig[o] ramos de *Pinheiro*, de fórma que fique[m] bem seguros, para que o vento não [o] possa arrancar, e que a rama envolva [e] cubra toda a planta.

Temos notado, pela experiencia d'a[l]guns annos, que estes abrigos nos tée[m] dado excellentes resultados, mesmo n[os] invernos mais rigorosos, em que a tem[]peratura desce muitas vezes abaixo [de] zero.

Aconselhados a todos os amador[es] este systema de abrigo para as plant[as] mimosas dos seus jardins, collocadas e[m] plena terra.

Em abril ou principio de maio d[e]vem tirar-se estes abrigos, escolhen[do] tempo nubloso, e nunca em dias limp[i]dos, por causa da transição rapida do e[s]tado ou circumstancias em que existira[m] por alguns mezes, pois muito soffreria[m] se fossem expostas de repente á acção [do] sol forte, que em muitos dias é frequen[te] haver em maio.

Em conclusão, indicaremos algum[as] plantas que temos notado mais soffr[em] nos nossos jardins, que téem exp[osição] ao nascente, e por este motivo são [com]batidos pelos ventos norte e no[rdeste]. São as seguintes:

Pritchardia filifera, *Rphapis fla[belli]formis*, *Seaforthia elegans*, *Cocos aust[ra]lis*, *Sabal Adansoni*, *Araucaria Cooki*— assim como a *A. excelsa* emquanto nova, —*Cryptomeria elegans*, *Grevillea robusta*, *Jacarandá mimosæfolia*, *Eucalyptus* empuanto novos, *Ligustrum japonicum*, *Schinus molle*, *Heliotropium peruvianum*, *Bugainvillea*, *Passiflora Decaisneana* e *P. edulis*, *Mandevillea suaveolens*, *Pharbitis Leari*, *Phaseolus caracalla*, *Tacsonia mollissima* e *T. ignea*, *Tecoma capensis*, *Gardenia florida*, *Diosma rubra*, *Canna indica*, *Calocasia esculenta*, *Strelitzia reginæ*, *Musa ensete*, *Fuchsias*, *Pelargoniums zonal*, *odier* e *peltatum*, *Fetos Balantium antarticum* e *Alsophila australis*.

Casa da Soenga.

D. JOAQUIM DE C. A. MELLO E FARO,

Communicados

Sr. redactor do Campeão das Provincias. — Pelas considerações que v. fez á minha carta publicada no seu jornal de 9 do corrente mez, vejo que o não satisfez a defeza com que acudi á arguição que na local publicada no mesmo seu jornal de 2 se fez ao procedimento da Junta de Parochia de minha presidencia com relação a alguns dos foreiros da mesma; e por isso venho dizer duas papalavras ainda a este respeito.

Concordo em que a corporação a que presido não tenha direito a exigir dos foreiros as despezas provenientes das petições e documentos com que o advogado entendeu dever instruil-os, se elles se recusassem pagal-as voluntariamente; e tanto o comprehendeu assim, que ordenou ao seu thesoureiro que recebesse dos foreiros os fóros, se se prestassem a pagal-os, embora se recusassem a satisfazer as despezas. Não concordo, porém, com v. em quanto affirma, que a corporação não podia receber a importancia das ditas despezas dos foreiros, que voluntariamente as quizessem pagar. Nada ha que se opponha a isso. O artigo 316 do Cod. Penal, por v. invocado para provar o contrario, não comprehende, nem fulmina a especie sugeita. E com effeito na disposição do artigo citado só se incremina o facto de qualquer empregado publico levar ás partes emolumentos, quando não esteja auctorisado para isso, ou estando-o levar por algum acto de suas funcções o que lhe não é ordenado, e ainda assim, para haver criminalidade, é mister que o empregado publico proceda *maliciosamente*, levando os emolumentos ou salarios. Para se dar, pois, o crime previsto e punido no artigo citado é preciso que se dêem os elementos seguintes: 1.° o recebimento de emolumentos ou salarios que a lei não auctorisa, ou de mais do que ella auctorisa. 2.° Que estes emolumentos ou salarios sejam recebidos por empregado publico e por algum acto de suas funcções: e 3.° Finalmente que da parte do Agente do Crime haja *malicia* no recebimento e exigencia dos emolumentos.—Ora, é evidente que na especie de que nos estamos occupando não se verificaram aquelles elementos constitutivos do crime previsto no art. 316, nem mesmo algum d'elles; e porisso nem o artigo não se pode applicar a especie sujeita nem mesmo por analogia, sem paridade, porque as leis penaes são de interpretação restricta, como v. muito bem sabe. Posto isto só me resta repetir aqui que foi sómente o interesse dos foreiros quem determinou a corporação de minha presidencia a proceder pelo modo que tão grandes incommodos causou a alguem.

Como porém esse porcedimento mereceu ácres censuras, sendo até capitulado de=extorsão=a Junta de minha presidencia abandonou, e seguiu outro caminho que não agrada aos foreiros remissos, e é provavel, que tambem não agrade ao denunciante do facto. Tenham paciencia vá a culpa a quem toque.

Sr. redactor, contendo esta carta noticia de defeza minha e da corporação a que presido, espero dever-lhe o obsequio de a fazer publicar no proximo numero do seu jornal, com o que lhe ficará muito agradecido, o

De v. etc.

Albergaria, 15 de junho de 1886.

José Luiz Ferreira.

Bibliographia

—«*A Moda Illustrada*.—Sahiu o n.° 180 d'este bello jornal de modas para senhoras e creanças, muito recommendavel pelo bom gosto e variedade dos seus figurinos modelos de chapéus, desenhos e debuxos, pois são executados em Paris pelos melhores artistas n'este genero de trabalhos: encontrando-se tambem os respectivos moldes e descripção das illustrações, e muitos artigos de litteratura amena dos mais sympathicos escriptores modernos.

Assigna-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaya, 40 a 52. Numero avulso 200 réis.»

—«*Tout pour toi*.—O nosso collega *A Bandeira Portugueza*, publicou o seu n.° 299. Continua a bater ás duas mãos na policia de Lisboa, que se tornou d'isso merecedora por causa dos ultimos acontecimentos. Na secção artistica publica uma graciosa *reverie* para piano do distincto professor Vargas Junior, intitulada *Tourt pour toi*.

Assignatura, trimestre 700 réis. Assigna-se na rua dos Fanqueiros, 207 1.° —Lisboa.»

—«*A Estação*, jornal illustrado de modas para familias.—Publicou-se o numero de 16 de junho.

Summario:—Chronica da moda.

Gravuras:—Toilettes para viagem—Chale-murça de crochet—Costume com tunica sobretudo—Sombrinha para viagem—Corpo-blusa, guarnecido d'entremeios, para viagem—Chapeus e gorras de palha, para meninas e meninos—Toilettes de passeio, para senhoras e creanças—Chapeu de palha entrançada, para jardim—Costume bretão, para menino de 1 a 3 annos—Costume para menino de 5 a 10 annos—Toucas caseiras—Costume com avental, para jardim—Manteletes curtos—Franjas, Bordados, etc., etc.

Dous figurinos coloridos representando: Toilette para passeio—Toilette caseira—Costume para menino de 3 a 5 annos.

Toilette de recepção. Elegante toilette para passeio.»

—«*Açafate de Costura*.—Recebemos o n.° 11, da 2.ª serie, d'este bello jornal, que contém o seguinte summario:

Secção de letras:—1—2—7—10—Continuação de 2 alphabetos muito simples para executar a branco. 3—20—Idem d'outro alphabeto gothico germanico maiusculo. 4—5—6—Outro alphabeto gothico romano para executar a dois pontos differentes. 8—«Laura» para bordar a branco. 9—17—19—Mais tres abcedarios bordados a branco, cordão ou mesmo soutache. 11—Letra solta bordada; (faz-se qualquer letra pertencente ao mesmo alphabeto). 12—15—16—23—Quatro monogrammas differentes bordados a branco ou a capricho. 13—«Amelia» bordado a branco. 8—14—Os nomes Laura e Elisa bordados a branco. 18—21—22—Continuação de mais tres alphabetos um dos quaes burdado a ponto d'armas (18).

Reverso.—Secção de bordados: 1—Grande canto bordado a lãs e ouro para almofada. 2—8—Canto e centro de crochet para travesseiro, almofada ou coberta para mesinha. 3—Passatempo bordado a capricho. 4—Guarnição bordada [a] branco para lenço e respectivo [mono]gramma. 5—6—Outra guar[...] to bordados a br[...] de pequen[...] fr[...] oiro. 9 [...]

Portaria mandado abrir concurso de provas publicas perante o respectivo prelado para o provimento da parochia de S. Gens, no concelho de Penafiel.

Diario de 17

Boletim de sanidade maritima declarando inficionado de colera o porto de Trieste, e suspeitos da mesma epidemia os demais portos austriacos no mar Adriatico.

Varios despachos já conhecidos.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Diario de 18

Differentes despachos já conhecidos.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em differentes districtos.

Carta de Lisboa

Lisboa, 18 de junho de 1886.

A imprensa regeneradora não sabe occultar a dôr que lhe vae n'alma; barafusta, berra como um possesso, porque vae vendo de quanto o ministerio é capaz, e adivinhando a sorte que espera o seu partido—taes e tantos são os desatinos por elle praticados durante a sua longa administração que vão ser postos a publico. Alteram-na as medidas que o governo vae legislar, por isso vae-lhe fazendo as vesporas como se ainda houvesse alguem que se importasse com as suas bravatas ridiculas.

— O sr. ministro da marinha enviou aos srs. ministros de Italia e de Hespanha as cartas régias pelas quaes S. M. el-rei agraciou com as commendas das Ordens militares portuguezas da Torre e Espada e S. Bento de Aviz os commandantes dos navios de guerra italianos e hespanhoes que vieram ao Tejo por occasião do casamento de S. A. R. o principe D. Carlos. Em carta sua, dirigida aos srs. marquez de Oldoini e Mendez Vigo, o sr. ministro da marinha affirmou aos illustres representantes das duas nações amigas e irmãs a profunda sympathia que a nação portuguza professa pela Italia e pela Hespanha, e a consideração em que tem a marinha de guerra, que tão brilhantemente as representa, é fiadora dos seus destinos e honra as suas tradições nobilissimas.

— Depois de longo soffrimento falleceu no seu palacio da Luz, em Lisboa, a sr.ª D. Adelaide Braamcamp de Almeida Castello Branco Narbonne Lora, 2.ª condessa, 2.ª viscondessa, 3.ª baronesa de Sobral, viuva do digno par do reino D. Luiz de Mello Breyner, conde, visconde e barão de Sobral, major de cavallaria, grão-cruz das ordens da Torre e Espada, de Aviz e de Christa. Era a illustre senhora dotada de uma superior intelligencia e das mais excepcionaes virtudes como filha, esposa e mãe exemplarissima.

— Realisou-se no sabbado na capella do palacio de Palhavá, residencia dos nobres condes da Azambuja, o casamento da ex.ma sr.ª D. Antonia de Mendóça, filha d'aquelles titulares, com o sr. D. José de Mello, distincto official de artilheria, filho dos srs. marquezes de Sabugosa. Foram madrinhas a avó da noiva, a ex.ma sr.ª D. Antonia Ferreira e a sr.ª condessa de Zileri, irmã da gentilissima esposada, e padrinhos os srs. D. ...e de Mello (Sabugosa) e o sr. D. Ma... Menezes. O sr. arcebispo de My... ...ebrante da missa, no meio ...nia religiosa ...dade en... ...bre

— O sr. major Pereira Sampaio, em commissão na direcção das obras publicas do Porto, foi mandado fazer serviço na arma de engenharia.

— O sr. Schiappa Monteiro, conductor das obras publicas do districto de Lisboa, foi transferido para Castello Branco.

— Foi levantada a suspensão imposta ao escrivão de direito de Loanda, sr. Casary.

— O capitão e o piloto da naufragada barca *Minerva*, julgados como causadores do sinistro, foram absolvidos por falta de provas, mas o ministerio publico interpôz recurso de revista.

— Sahiu de Roma, de regresso para Lisboa, o sr. cardeal-patriarcha.

— Nas corridas de cavallos de Cordoba, ficou vencedor o cavallo *Missouri*, do sr. conde de Sobral.

— Falleceu o capitão de fragata, sr. Lucio Pereira Crespo.

— Vae ser promovido a capitão de fragata o capitão-tenente Fernando Augusto da Costa Cabral.

— Breve será publicado o regulamento das provas theoricas e praticas exigiveis aos capitães para serem promovidos a majores.

— O sr. conde de Valbom parte segunda-feira para Paris, acompanhado de seu filho o sr. Carlos Lobo d'Avila.

— Para os exercicios de engenharia que se hão de realizar em Tancos em principios de outubro irão contingentes de diversos corpos do exercito.

— Foi assignado o decreto nomeando o sr. Fernando Mattoso, professor de technologia do instituto industrial.

— O primeiro contador do tribunal de contas foi aposentado, e promovidos a segundos os srs. Antonio Fernando Carvalho e José Amaro Ferreira Vianna.

— Foi nomeado governador de Quelimane o sr. Guerreiro Amorim, 1.º tenente da armada.

— Foi exonerado o major sr. Claudino de Souza Faro, de director das obras publicas de Loanda.

— Foi nomeado escrivão de direito de Moçambique o sr. Gustavo Bivar Pinto Lopes.

— Foi reconduzido no logar de promotor do conselho de guerra da 1.ª divisão o major sr. José Estevam de Moraes Sarmento, sendo exonerado o major sr. Barata.

— Consta que foi assassinado em Manáos (Brazil), e roubado em 400 contos, o capitalista Custodio Garcia.

— E' no dia 9 de outubro a 1.ª lição do concurso á cadeira de direito de comcio maritimo, o que é unico candidato o sr. Beirão, ministro da justiça.

— O papa deu ao cardeal patriarcha o titulo Santos Apostolos. O cardeal seguiu de Roma para varias cidades italianas, e d'alli para Paris, Londres e Madrid.

— Foi transferido para a alfandega do consumo o 3.º official sr. Anselmo Esteves Costa, da alfandega do Porto.

— Temou posse da 4.ª repartição da administração das alfandegas o tenente coronel Elyseu Serpa.

— O *Diario* deve publicar ámanhã o decreto de amnistia solemnisando o casamento do principe real.

— Estão em consulta na procuradoria da coróa os estatutos da Cooperativa industrial indispensavel do Porto.

— Foram transferidos: para Paredes, o sr. escrivão Santos Ferroso, da Gollegã; para Vouzella, o sr. Breda de Mello, de Paredes; para a Gollegã, o sr. Alves da Cunha, de Vouzella.

tãos no Annam. Os rebeldes queimaram varias aldeias dos arredores de Turane.

New-York, 17.—Despachos de Santhiago (capital do (Chili) annunciam ter havido alli ante-hontem por occasião da eleição para deputados, um grave motim em que ficaram 40 homens mortos e muitos feridos. Suppõe-se que tem a maioria o partido liberal.

Paris, 17, t.—A commissão do senado, incumbida de dar parecer sobre o projecto da expulsão dos principes, ouviu hoje o presidente do conselho, sr. Freycinet, que fez declarações analogas ás do seu discurso na camara dos deputados.

O jornal *Le Temps* diz que o sr. Freycynet deu informações completas ácerca da organisação do partido orleanista.

A commissão do Senado elegeu para relator do projecto da expulsão dos principes o sr. Béranger, que pertence ao numero dos senadores eleitos pela Assembleia Nacional, e é contrario ao projecto.

O principe Victor Napoleão soffreu um desastre, indo de carruagem; o cavallo tomou o freio nos dentes, e correndo sem governo fez voltar o vehiculo. O principe recebeu uma forte contusão na cabeça; o seu estado, porém, parece não ser grave.

Londres, 18.—A camara dos communs approvou em terceira leitura o projecto de lei sobre os direitos de entrada dos vinhos.

O presidente do conselho, sr. Gladstone, foi alvo de enthusiasticas ovações, á sua partida de Londres, em todo o transito do comboio e á sua chegada hontem de tarde a Edimburgo. O sr. Gladstone viu-se obrigado a fallar varias vezes á multidão.

ESPECTACULOS

PRAÇA DE TOUROS

5

NO

CAMPO DE S. JOÃO

EM

AVEIRO

Terão logar nos dias 24 e 27 do corrente duas brilhantes corridas de 6 bravissimos touros, escolhidos a capricho das manadas do abastado lavrador o sr.

JOSÉ JOAQUIM D'OLIVEIRA

N. B.—A corrida do dia 24 termina a horas de poderem ver sahir a procissão.

ANNUNCIOS

VACCA TOURINA

150 QUEM tiver uma vacca tourina nova, de boa raça, mas já a criar e muito leiteira, querendo-a vender, queira dizer onde póde ser vista e contractada, se servir.

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79

PEGADO A' CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

VINDE VER AS

Excellentes e ainda não igualadas machinas de coser de LANÇADEIRA OSCILLANTE, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO

Lançadeira que leva um carrinho d'olgodão.

Não precisa encher canhila nem enfiar a lançadeira.

A agulha é sempre ajustavel.

Dá dois mil pontos n'um minuto!

Levissimas no trabalho e silenciosas sem ignal.

Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.

Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu machinismo é ajustavel e com ouso e os annos está a machina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANNOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e ainda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro.

SINGER

Para familias, asfaiates, modistas, chapelleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende directamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINCER

Vendeu só no anno de 1884 a enorme quantidade de 620:382 machinas! devido isto sua grande aceitação, supplantando assim todos os outros systemas modernos, que jàmais porão competir com a machina SINGER

SINGER

Não tem rival debaixo de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras mais SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.

Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.

Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações.

Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.

Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

AGUAS ALCALINO-GAZOSAS-LITHINAES

DE

VIDAGO

NO dia 1 de junho abrem os hoteis da empreza das AGUAS DE VIDAGO, conservando-se expostos ao publico durante os mezes de junho, julho, agosto e setembro.

A importancia therapeutica d'estas aguas mineraes tem-lhes feito grangear uma reputação ersal, sendo com justa razão consideradas como agentes do mais subido valor em todas as ças em que está indicada esta medicação. A' riqueza das aguas juntam-se as boas condi- em que estão montados os hoteis da empreza, nos quaes se proporcionam as maiores nodidades e conforto.

Do relatorio apresentado pelo dr. Castro Lopo extractamos o seguinte:

DOENÇAS	CASOS	RESULTADOS
epsia	87	Excellente
ase-biliar	16	Excellente
rgitamento hepathico	25	Excellente
rrho vesical	17	Excellente
ase renal	19	Excellente
a e rheumatismo	4	Melhoras notaveis
es	2	N'um bom resultado
phatismo	1	Bom resultado
etis	12	Excell nte
minuria	1	Algumas melhoras
chite chronica	1	Bom resultado
mia	1	Bom resultado
qualificadas	20	

... Como se vê pela estatistica presente não tem diminuido o numero de doentes que ...ute recorrem ao uso das aguas de Vidago, tomadas na sua origem. E' uma prova ... do quanto se generalisam os bons conceitos que merecem aos clinicos que deparam ... especiaes como alguns que entram na estatistica, e para alguns dos quaes quasi de ...otente o arsenal therapeutico que se encontra nas pharmacias.

... Além dos agentes da mineralisação das aguas, uma parte importante nos resulta- ...ve-se, sem duvida, ás condições do local onde as eguas brotam, e aos hoteis da empre- ...de se observam todos os preceitos de uma boa hygiene.

«Não nos resta duvida em qualifical-os cemo hoteis de primeira ordem, e tanto mais que ... é a opinião geral que d'elles se faz.

«Se não repetimos aqui as considerações que temos por vezes feito sobre as aguas de ...DAGO é pelo julgarmos desnecessario.

«Que fique ainda assim mais uma vez consignado o conceito que d'ellas fazemos, collo- ...lo-as a par das de Vichy, ideia que aliás não nos pertence, pois que foi apresentada pelo dr. Lourenço, mas que no entanto se armonisa com o nosso pensar.

(Assignado) *José de Castro Lopo.*»

A empreza tem feito melhoramentos notaveis nas nascentes de Oura, Villa Verde e Sa- ...so. Da nascente de Oura, abundantissimas, sahe a agua para o estabelecimento balnear, e ha banhos ...e emmersão, circular, douches, etc., consideravelmente melhorados.

A agua de Sabroso, cuja riqueza é revelada pela primeira analyse, collocada em condi- ... mais favoraveis, apresenta acido carbonico livre em quantidade extraordinaria.

A empreza vae mandar proceder a nova analyse, e é de suppor que venha mostrar que e nós não ha outras que possam rivalisar com ella.

Para Vidago o transporte é facil, havendo na Regoa carros, mala-posta e diligencias que tem até lá, podendo tambem seguir-se por Guimarães aos Arcos e Villa Pouca.

Para reserva de aposentos ou quaesquer esclarecimentos a correspondencia deve ser dirigida a madame Carvalho ou Miguel Augusto de Carvalho—VIDAGO.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

7

NUMERO TELEPHONICO 168

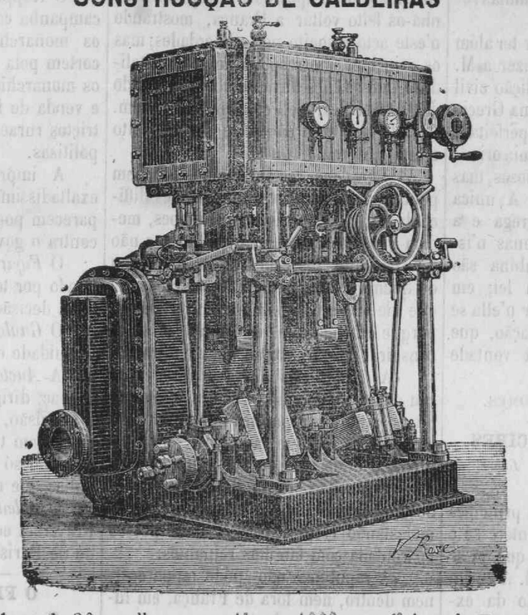
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERR

FUNDIÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES A' PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor, da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza par o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Visconde da Praia Grande de Macu.*

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação ndição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesque obras de ferro ou madeira, para construcções civis mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como **telhado, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo. etc.**

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempe em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro, Lisboa.

ALVICARAS

3

156 PERDEU-SE ante-hontem de tarde, nas ruas da cidade, freguezia da Vera-Cruz, a frente de uma medalha de ouro, com as iniciaes—*S. M.*—cercadas de perolas. Dão-se boas alviçaras a quem, achando este objecto, o entregar no escriptorio da redacção do *Districto d'Aveiro.*

RÉCLAME

77 DESDE o dia 1.º de setembro de 1884, um sello de garantia levando as palavras francezas «**Union des Fabricants** pour la répression de la contrefaçon» (*União dos Fabricantes* para a repressão das falsificações) acha-se applicado como um *sello do correio* sobre todas as caixinhas de pilulas que saem da pharmacia do Doutor **Dehaut** de Paris.

PILULAS PEITORAES DE MOURA

132 ESTE medicamento, de uma composição vegetal e debaixo da fórma de pilulas, o que facilita muitissimo a sua administração, e de uma incontestavel efficacia nas bronchites tanto agudas como chronicas, defluxos, tosses, rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dôres de peito, escarros de sangue, etc. Acompanham esta especialidade numerosos attestados que justificam os seus creditos. Caixa 500 reis. Deposito no Porto, Felix & Filho.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

Previne-se o publico, para não ser illudido, que são falsificadas as pilulas em cujas caixas não fôr o nome Felix & Filho.

BALSAMO ODONTALGICO DE MOURA

130 COM o uso d'este balsamo cessam instantaneamente as dores de dentes por mais violentas que sejam. Frasco 200 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

22

MOLESTIAS SECRETAS

CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten com copahiba, approvadas pela Academia de Medicina de Paris.

Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas só ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.

A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas.

EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES

Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a *assignatura* de *Raquin* e o sello official (em azul) do *governo francez.*

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES, *78, Faubourg Saint-Denis*, PARIZ, e em todas as boas pharmacias do extrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibate de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a **INJECÇÃO RAQUIN**, complemento de todo tratamento

POS DENTIFRICOS DE MOURA

131 ESTES pós limpam os dentes sem prejudicar o seu esmalte, dando-lhes um brilho e alvura admiraveis; fortificam as gengivas, tiram o mau halito e previnem a carie de resultados tão funestos quanto dolorosos. Caixa 200 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

DOENÇAS DO

ESTOMAGO

PASTILHAS e PÓS

PATERSON

(Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas. Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularisam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.

PASTILHAS: 600 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.

Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.

Adh. DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

CONTRA A TOSSE

Xarope Peitoral James, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada emconformidade da lei de 4 de junho de 1883, 12

ESPECIALIDADES

Old Tom Gim (marca Gato *registada*)	4$800 réis por caixa de duzia
Cognac (muito velho)	5$800 réis por caixa de duzia
Scotch Whisky (10 years old)	8$000 réis duzia de garrafas
Vinho do Porto (velho)	3$000 réis duzia de garrafas
Vinho de Xerez (superior)	3$800 réis duzia de garrafas
Vinho de meza (igual ao melhor vinho de Bordeus)	850 réis duzia de garrafas
Champagne (muito superior)	7$200 réis duzia de garrafas

De 3 caixas para cima tem desconto, excepto os vinhos de meza

Pódem-se provar estes vinhos e cognacs no escriptorio de

H. Daniel Ritson

39—RUA DO INFANTE D. HENRIQUE—39

(ANTIGA RUA DOS INGLEZES)

CASA ESTABELECDIA EM 1875

É CONVENIENTE LER

155 OFFERECE-SE pessoa de reconhecidas habilitações em diversos ramos, dando solidas referencias para exercer o cargo de administrador de qualquer casa, estabelecimentos fabris, ou feitor de qualquer boa propriedade, para cujo fim dispõe de vigor, sendo de vantagem a quem acceitar esta proposta.

Para esclarecimentos a esta redacção.

EUCALIPTOS

149 COMPRAM-SE alguns paus de eucaliptus seccos, que tenham mais de 45 palmos de comprido e que sejam direitos e sem nós. Quem os tiver n'estas condições póde dirigir-se á Administração d'este jornal, que alli se lhe dirá quem os compra.

NOVO DEPOSITO

DE

MACHINAS DE COSTURA

CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Rua Direita—Aveiro

Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

5

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero poderão competir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc. 52

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.